

# DRUMMOND

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Rio de Janeiro — Terça-feira, 26 de outubro de 1982

## 80 ANOS

Às vésperas dos 80 anos, Drummond concorda em vencer a timidez e quebrar o silêncio para dar a João Máximo a mais longa entrevista de sua vida: nove horas falando um pouco sobre tudo, poesia, Deus, natureza, arte, política, erotismo.

Páginas 6, 7, 8 e 9

Filha única, amiga e discípula, Maria Julieta Drummond de Andrade revela alguns conselhos literários que desde menina vem recebendo do pai. Um deles, usar o dicionário com prazer e sem preguiça. Outro: "Escrever é cortar palavras."

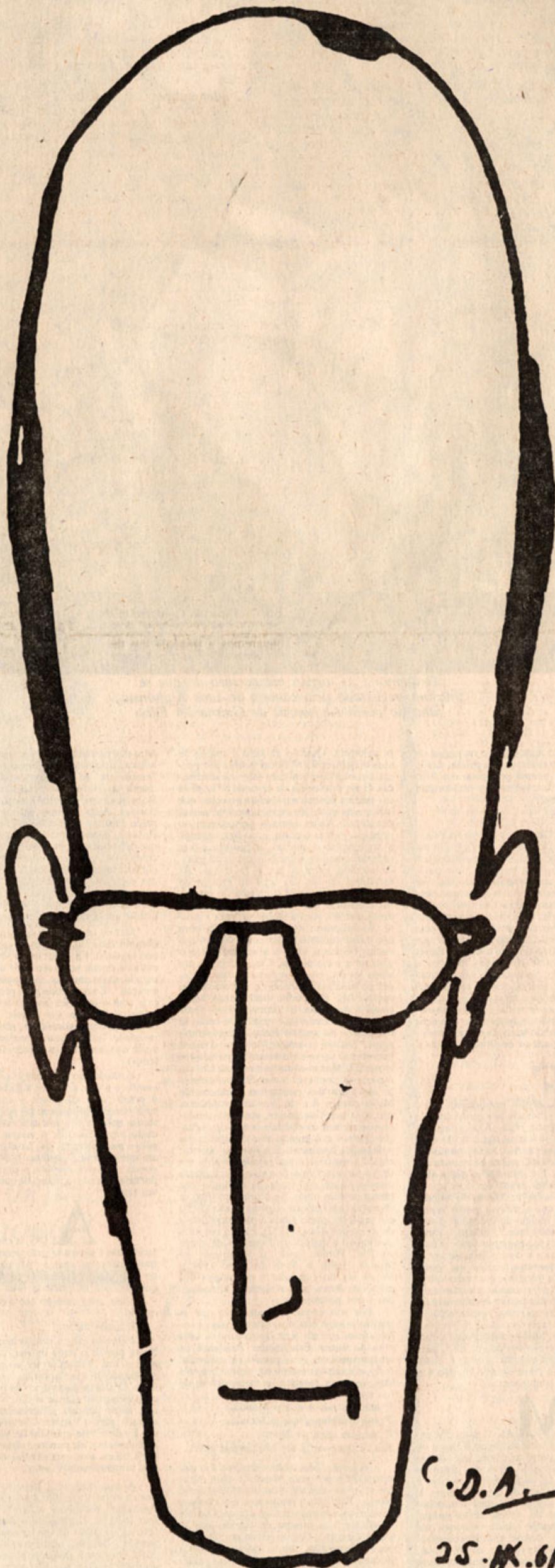
Página 10

Em Itabira — a cidade natal que não o vê há 28 anos — o enciumado ressentimento dos mais velhos vai dando lugar ao orgulho que os jovens sentem de tão ilustre conterrâneo. Drummond não precisa ir lá para estar lá, dizem eles.

Página 4

Há 13 anos Drummond pode ser encontrado, três vezes por semana, no Caderno B. Às vezes numa coluna de alto a baixo, às vezes em página inteira. Mas sempre com a mesma atualidade. Josué Montello analisa o cronista.

Página 3



São sempre ternas as lembranças dos amigos, sobretudo poetas. Vinicius de Moraes, por exemplo. E Manuel Bandeira, que lhe dedicou, por ocasião dos 60 anos, em 1962, um poema que vale a pena lembrar. São votos de poeta para poeta.

Página 10

Em 1926, Villa-Lobos transformava em seresta *Cantiga de Viúvo*. Depois, muitos outros artistas beberam da poesia de Drummond. O próprio poeta relaciona todas as músicas, filmes, peças de teatro e TV realizados a partir de sua obra.

Página 9

Muitas são as leituras possíveis de Drummond. Incontáveis teses e artigos publicados sobre ele, no Brasil e no exterior, atestam sua pluralidade. Affonso Romano de Sant'Anna fala deste escritor plural.

Página 2

O poeta lamenta não ter conhecido J. Carlos. Um apaixonado do desenho, fez várias autocaricaturas, assinando-se sempre C.D.A. Drummond visto por ele mesmo (e por outros artistas) forma uma galeria de muitos e variados traços.

Página 5

# Poesia como conhecimento do mundo

Afonso Romano de Sant'Anna

**S**E você é apenas um leitor das crônicas de Drummond no JB, onde aparece de quando em quando um poema avulso, então, seguramente, você não conhece um outro Drummond, que é aquele que construiu a mais sólida obra poética de nossa literatura e uma das mais importantes do séc. XX.

Para se entender o significado da poesia de Drummond, primeiramente, é necessário corrigir o conceito vulgar de poesia. Quando em geral se fala de poesia, pensa-se em qualquer coisa como: sentimentalismo, pieguismo, lamentação amorosa ou suspiros diante do crepúsculo. Mas poesia, a rigor, não é nada disto. Aliás, num texto antigo, Drummond já dizia: "Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação."

Por isto o conceito mais apropriado para se entender Drummond é aquele fornecido por Heidegger, para quem a poesia é a capacidade de fazer uma reunião reveladora através da linguagem. Quer dizer, o poeta seria aquele que reuniria metáforas e significados dispersos e acrescentaria a isto um novo sentido. Ele ajuda a revelar o mundo, a decodificar a realidade. E a linguagem é o instrumento básico desta operação. Diz Heidegger que, neste sentido, os poetas e os pensadores são indivíduos diferentes dos demais, pois conseguem entender o sentido oculto dos fenômenos e dos fatos na superfície da história. Significativamente se Heidegger chama a poesia de reunião revelante, Drummond, coincidentemente, chamou de Reunião à publicação conjunta de seus livros. Claro que Drummond não andou lendo Heidegger para fazer isto. E, por outro lado, foi uma lástima que Heidegger nunca tivesse lido Drummond, porque sobre ele poderia escrever ensaios ainda mais belos do que aqueles que compôs sobre Heidegger e sobre a relação entre poesia e verdade.

**D**ESDE a adolescência que conheço e frequento a poesia desse mineiro. No entanto, entre 1963 e 1969 é que a vim conhecer melhor. Durante este tempo redigi minha tese de doutoramento em literatura brasileira. Lembro-me que em 1965 estava lecionando na Universidade da Califórnia e já fazendo o levantamento para a redação da tese. Um professor americano, com aquele raciocínio geométrico e iluminista me advertiu: mas como é que você vai escrever uma tese sobre um poeta que ainda está vivo? E se ele mudar de repente? Na verdade, ouvi essa ponderação com espanto. Poderia ter respondido simplesmente em forma de blague: ora, não posso esperar que ele morra para ter meu doutoramento pronto; além do mais, tese é uma coisa, atestado de óbito é outra. Mas, na verdade, minha resposta foi outra: eu sabia que estava lidando com um poeta cuja obra é uma reunião não apenas revelante, mas uma obra-em-progresso. Ou seja: uma construção onde as peças se articulam sistematicamente. Seus versos e livros não são um amontoado. Aliás, Heidegger também diria que aqueles que não atuam como poetas em suas vidas, produzem um amonoadado ou entulho. Ou seja, suas vidas não têm a harmonia do cosmos, mas o estretimecimento do caos. Em Drummond um livro sai do outro dialeticamente. Ele não junta simplesmente uns 30 ou 50 poemas de cinco em cinco anos e publica. Não. Cada livro é a proposição e resolução, em nível de linguagem, de alguns enigmas existenciais.

**P**OR isto é que não se pode entender a poesia desse jovem poeta de 80 anos sem se ter em mente a palavra *projectum*. Projeto aqui não é o projeto de uma casa. Não são planos e ideais vagos. Projeto aqui está sendo entendido num sentido mais sofisticado, como querem os pensadores existencialistas. Ou seja: é um constante construir e avançar da consciência para a compreensão da realidade. A palavra *projectum* é formada de duas partes: *pro*, que significa para frente, e *jectum*, que vem da ideia de lançar. Por isto é que insisto na ideia de que a obra-em-progresso desse poeta é um contínuo lançar-se a frente de si mesmo. E isto se poderia demonstrar fartamente caso isto aqui fosse um curso de literatura e não um rápido texto jornalístico. Se poderia exemplificar como as palavras "procura", "indagação", "inquirição" aparecem repetidamente nessa poesia como pré-requisitos para que se chegue ao *claro enigma*. Pois este é exatamente o nome de um dos livros mais intrigantes do pensador-poeta. E esclarecer o enigma da vida diante da morte, do instante face à eternidade, do amor frente ao desamor, é a tarefa a que ele se propõe em seus textos.

Mas estava eu dizendo que sua obra não é um amontoado de versos e textos. Realmente. Existe aí uma estrutura que se foi gerando consciente e inconscientemente, numa elaboração diuturna. Essa estrutura, como a vida, não nasce pronta, ela se constrói como aquele projeto dinâmico. Por isto é bastante ilustrativo perceber que, embora esteja fazendo uma poesia lírica, o poeta está dramatizando os grandes conflitos do homem de seu tempo. Neste sentido é que se pode ler a obra dele como sendo uma grande peça de teatro. Peça onde há atores e diversos atos encadeados.

Como assim? Muito simples. Os análises de textos já estatuíram que, quando um autor fala, ele não fala necessariamente sempre e unicamente na primeira pessoa. Ou melhor: quando ele fala "eu" está compondo um ser imaginário que ele pensa que



Drummond, o sorriso menos raro do que se imagina, registrado pela câmera de Luis Alphonsus, filho do poeta Alphonsus de Guimarães Filho

ele é. E isto fica mais claro se na poesia de Drummond percebermos o seguinte: desde o seu primeiro poema publicado em livro que ele se instituiu como um personagem dramático ao dizer:

"Quando eu nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos, ser *gauche* na vida."  
No transcorrer de sua obra ele retoma esse tipo *gauche* (esquisito, des centrado, à esquerda dos acontecimentos) como paradigma. Ele não apenas se identifica com esse *gauche*, mas alicia o leitor para que veja projetado em cena aquilo que o leitor tem também de *gauche*. E eu diria que a primeira empatia do leitor com a obra desse poeta nasce exatamente disto: ao se perceber que ele está expondo aquilo que todos nós temos de desajuste diante das coisas mínimas e máximas da vida. No seu texto vamos então ver problematizado o *gauche* sentimental (sempre em conflito com o fogo e as cinzas da paixão), o *gauche* social (às lutas ideológicas entre partidos e homens) e o *gauche* metafísico erguendo sua vida entre a essência e a aparência e na dualidade da vida e morte).

**E**SSE personagem não é uma mera ilação literária. Ele ganha corpo e consistência em sua obra. Aliás, naqueles versos citados, já estão algumas de suas características essenciais. De um ponto-de- vista espacial ele está sempre à esquerda dos acontecimentos. E é sintomático que a obra desse poeta insista tanto em localizar o personagem no *canto* de Minas, do mundo, de si mesmo e que a palavra *quarto* represente sempre o refúgio do indivíduo diante da família e da sociedade. O quarto, o canto e o recolhimento são exemplo dessa atitude mineira, metafísica e desconfiada de ver as coisas. E, se quisermos ampliar isto, basta juntar um outro traço do tipo: como indivíduo espremido pelo mundo ele tem uma maneira muito característica de olhar a realidade. A rigor, ele não olha, apenas *espia*. E o verbo *espia* é muito constante na primeira parte dessa obra. Será necessário que a obra evolua como o *projectum* de que falei, para que o personagem exercite o *olhar* e, finalmente, chegue a *contemplar* o mundo e a realidade mais maduramente.

**M**AS, já que, por enquanto, estamos caracterizando a figura do *gauche*, é necessário adicionar aqui outras características dele já expressas naqueles versos citados: ele está sempre à *sombra* e surgiu sob as ordens de um anjo *torto*. E aqui começa a despontar uma das coisas mais fascinantes da análise dessa poesia. Assim como aquele *gauche* não era um termo aleatório, mas se prendia sistematicamente ao sentido de quarto, canto, *espia*, etc., também aquela *sombra* e aquele *torto* têm uma implicação estrutural em toda a obra. Pois os seus livros vão ser a exploração cromática do conflito entre o *claro* e o *escuro* e um retrato da alma barroca e torta de seu

personagem. Quando eu fazia a análise de seus versos resolvi verificar poema por poema como se desenvolviam essas características. E assim a leitura de cerca de 50 anos de sua prática poética me levou a perceber que existe uma evolução ou metamorfose nessas metáforas. Assim como o personagem em princípio apenas *espia*, e, ao fim, aprende a contemplar o mundo, a história e a sua própria consciência, também existe um grande conflito entre a luz e as trevas. As metáforas da luz são sinal do esforço do indivíduo para vencer o enigma do tempo. As metáforas das trevas remetem para o desconhecido, para a incógnita, para a morte. E, curiosamente, ao princípio da obra não existe muito conflito entre o claro e o escuro, entre a vida e a morte, entre o instante e a eternidade. Claro. O poeta era ainda jovem, estava seguro em suas verdadeiras provincianas, olhando o mundo de um canto. Ali, ele podia dizer coisas como essas: "A poesia é incomunicável/ fique torto no seu canto/ não ame". Ou então se comprazer no mundo fechado das montanhas: "Eu não vi o mar/ não sei se o mar é bonito/ não sei se ele é bravo/ o mar não me importa". Mas as coisas vão mudar. Um dia o poeta vai conhecer o mar. Biograficamente ele sairá das montanhas fechadas de Minas para o Rio de Janeiro e conhecerá não só o mar fisicamente, mas verá desdobrar-se na sua consciência o mar das agitações sociais e o grande mar metafísico das indagações históricas. E o que vai ocorrer, então? Uma coisa muito significativa, já nos títulos de seus livros. Sua visão ampliada do mundo estará registrada na evolução dos títulos de suas obras. Se o primeiro livro se chamava timidamente *Alguma Poesia* (1930) e o segundo, preso ainda à província falava do *Brejo das Almas* (1932), haverá um salto qualitativo e quantitativo quando ele chega ao Rio. Publica então o *Sentimento do Mundo* (1940) e *Rosa do Povo* (1945). Vejamos só: do particular e psicológico dos primeiros livros para o social e humanista dos livros posteriores.

Por isto é que se pode dizer que as transformações sistêmicas de sua poesia demonstram que ela tem a estrutura de uma obra de teatro. Exatamente. Pois além de um personagem — o *gauche* (à esquerda, torto e sombrio) temos um drama em três atos, os quais mostram a metamorfose de sua consciência diante do mundo:  
1º ato: Eu maior que o Mundo.  
2º ato: Eu menor que o Mundo.  
3º ato: Eu igual ao Mundo.

Mas, o que vem a ser isto, exatamente?

Vejamos. Mas antes reforcemos o que vem a ser o personagem *gauche*, para reforçar assim as características dramáticas dessa poesia. Pois esse personagem usa diversas máscaras no transcorrer do drama. Ora ele se chama a si mesmo de Carlos, ora se identifica com o Carlito criado por Chaplin, ora se chama José, ora se apresenta como o elefante desengonçado ou mesmo se assemelha à letra K — essa letra *gauche* que não existindo em nosso alfabeto, mesmo assim está presente nos nomes estrangeiros. Ou seja: uma letra que está e não está. Uma

letra des centrada, semelhante ao José: enigmática, desgarrada no tempo e no espaço. Semelhante ao Carlito — desarticulado diante da realidade prosaica. Parente do Robson Crusó referido em vários dos seus poemas. Aliás, Drummond num livro chamado *Passeios na Ilha* havia dito que, como Robson, queria também ter uma ilha para que dali pudesse contemplar ou frequentar o continente, mas sem muitas obrigações de confraternização contínua. Vejam só: o mesmo espírito *gauche* em tudo. Até mesmo nessas comemorações de aniversário, onde ele é o José, o elefante, o Robson Crusó, o Carlito e José num jogo de estar e não estar.

Mas eu havia falado da estrutura de sua obra dividida em três atos. O que vem a ser essa equação: Eu maior que o Mundo? Ela é extraída de um verso seu onde diz: "Mundo mundo vasto mundo/ mais vasto é o meu coração". E seu sentido mais profundo coincide com o que está inscrito nos versos da primeira fase de sua poesia: uma visão irônica, jovem, egocêntrica, provinciana da realidade. Nesta fase a consciência do poeta ainda não descobriu os grandes temas de seu tempo.

Contudo, ao descobrir o *sentimento do mundo* e a *rosa do povo*, significativamente o poeta passa da *janela* à *rua*. A *rua* é sinônimo da socialização do personagem. E vamos notar que aquele que estava antes no canto provinciano de si mesmo, se desloca para o meio da cena, pisa a rua de seu tempo até que comece a aparecer também em sua poesia a palavra *avenida*, sinônimo da confluência dele com a realidade cosmopolita de seu tempo.

**A**LÍAS, a entrada no segundo ato é marcado pelo poema que ilustrativamente se chama "Mundo Grande", no qual ele diz exatamente o contrário do que afirmara na primeira fase:

"Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.

Neste poema o tema da *rua*, das *ilhas*, do *mar* e etc. voltam a ser colocados, mas mostrando uma nova postura diante da realidade. O *gauche* psicológico da primeira fase cede espaço ao *gauche* social. Não estranha que neste período Drummond tenha até entrado para o Partido Comunista Brasileiro. E sobre este episódio de sua biografia, recentemente, ele publicou algumas crônicas onde relata suas experiências no partido e seus contatos com Prestes.

A esse respeito é importante apontar que os críticos afinados com a ideologia do "partidão" continuam a insistir que o melhor livro de Drummond é *Rosa do Povo* (escrito na época de sua confluência com o partido). Dai para frente consideram que o poeta entrou em decadência, assumiu, para usar um chavão que eles tanto prezam, a linguagem da alienação metafísica burguesa.

Nada mais equivocadamente que isto. E deste problema tratei detidamente no livro *Carlos*

Drummond de Andrade: *Análise da Obra* (Ed. Nova Fronteira). É que essa poesia que se abre num *projectum* e caminha como uma peça de teatro intensifica uma visão metafísica da realidade. E só uma visão menor e mesquinha da realidade pode abastardar o conceito de metafísica como se isto fosse uma anemia do espírito. Acontece que o projeto-poético-pensante desse poeta extrapola as barreiras dos partidos, seu compromisso é com algo menos circunstancial e aparente. Assim, aquele que num certo momento de sua vida olhava o espetáculo de um canto e que depois mergulha no mar de seu tempo, passa, na última fase, a um equilíbrio dialético onde o Eu é igual ao Mundo.

Está lá no poema "Caso do Vestido" esse verso: "O mundo é pequeno e grande." E aceitar essa equação não significa que o poeta atingiu uma postura mística diante da realidade, como se não houvesse mais atrito entre ele e o mundo. Não. É que descobriu uma outra dobra do tecido existencial. Depois de ter dialogado com o *tudo* que o mundo lhe apresentava, começa a exploração do *nada*. Pode parecer bizarro isto. Mas é exatamente o que ocorre. Começa, a partir, sobretudo, de *Claro Enigma*, a procurar algo além das aparências do grande espetáculo exposto do cotidiano e da história. Descobre atrás do aspecto físico e fácil das coisas a essência e a concretude do nada. Mas o nada, não como sinônimo de nihilismo. O nada como contraparte do tudo, a última lição que o mundo grande dá ao pequeno poeta *gauche*.

**P**OR isto é que não se pode compreender bem essa poesia sem admitir que Drummond é um poeta metafísico. E metafísica não é um palavão, nem deve ser uma palavra condenada simplesmente por argumentos que se querem realistas e objetivos. Drummond é metafísico, por exemplo, quando compreende o enigma do tempo. Quando concebe a vida como uma *viagem* que o corpo-consciência realiza no espaço que lhe é dado. A primeira descoberta metafísica sua foi perceber as inúmeras dobras que o tempo possui, além do presente, passado e futuro. Ele vai habitando o seu passado através da memória, recuperando Itabira, Minas, sua família, seu tempo histórico. Seus últimos livros são esse "caminhar de costas", essa reconstrução do "menino antigo" e um momento em que o poeta como o "boi-tempo" ruma todos os tempos e espaços acumulados no seu corpo-memória.

É de se observar também a modificação que a metáfora do *corpo* sofre em sua obra. Nos primeiros livros o corpo aparece desarticulado. O poeta se refere ora aos olhos ou às pernas. Não há o conjunto. A medida que ele mergulha em seu tempo, seu corpo-consciência se articula e aparece descrito inteiramente. Descobre o poeta, inclusive, que seu corpo está no tempo e sujeito à destruição. Começa a anotar as rugas, calvície e um certo frio na pele. Mas essa anotação não é puramente física, senão metafísica.

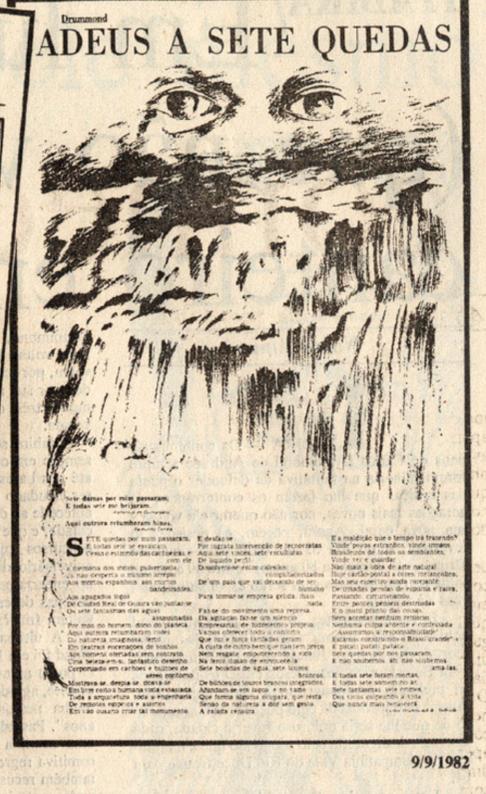
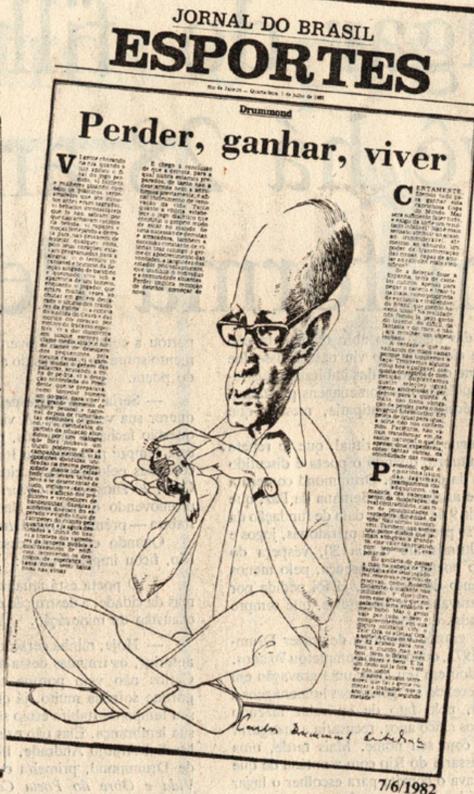
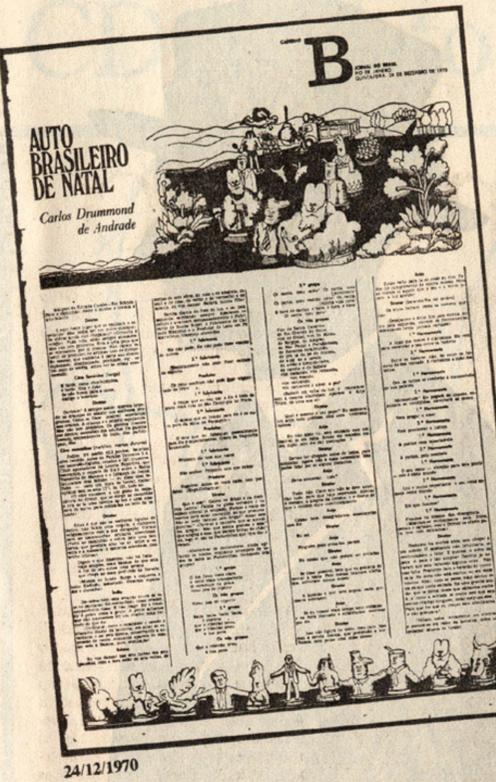
A destruição do corpo faz parte do aprendizado da vida. O poeta, então, começa a anotar a morte que o ameaça. Primeira mente anota os sinais da morte no seu corpo. Depois começa a anotar a morte dos amigos a quem dedica poemas onde, na verdade, está ensaiando a própria morte. Descobre-se, como diria Heidegger, como "um ser para a morte". E constrói a consciência de sua morte dentro de sua vida. E esse tópico da morte não tem nada de mórbido em sua obra, antes é um fascinante exercício existencial de aprendizado metafísico.

**É** vinculado ao tema da morte, por isto, que cresce a temática do amor. E é curioso isto. Pois enquanto um poeta como Vinícius de Moraes se entregava a cantar atributos objetivos de suas amadas, Drummond se aplicou a falar do próprio amor. Amor como sinônimo de Eros e vida. E assim como Eros não existe sem Tanatos, que é a morte, o amor em Drummond é sempre mostrado em sua contingência, em sua precariedade. O amor é um instante de luz que se acende na treva da não-vida. Aceitar, a precariedade do amor, vai ser igual a aceitar a precariedade da vida. O que não impede que estejamos todos condenados a amar, pois "este é o nosso destino: amor sem conta/ distribuído pelas coisas perdidas ou nulas/ doação ilimitada a uma completa ingratidão/ e na concha vazia do amor a procura medrosa/ paciente, de mais e mais amor".

Finalmente é importante assinalar que muitas são as leituras possíveis da obra de Drummond. As dezenas de teses e milhares de artigos publicados sobre ele no Brasil e no exterior mostram a pluralidade de sua obra. Uns podem estudar tópicos isolados como: a ironia, a família, a repetição, a destruição, Itabira, o cromatismo, a província, a máquina do mundo ou podem dedicar-se à leitura cronológica de cada obra ou à análise estilística de cada poema. Eu me interessei em sondar a estrutura geral de sua obra e para isto corroborei uma estilística quantitativa e até o computador. Este é um poeta múltiplo na sua unidade.

Não só construiu sua obra sistematicamente como uma reunião e *projectum*, mas sua poesia é a síntese da poesia brasileira no século vinte. Por aí se entenderá melhor o modernismo de 1922, se compreenderá a geração de 1945, se verá ilustrada a vanguarda dos anos 50. Mas transpassando tudo isto a voz reunidora do itabirano, construindo numa linguagem própria a sua visão de mundo. Sua obra, enfim, confirma aquela frase de T. S. Eliot: "O grande poeta, ao escrever sobre si mesmo, escreve sobre o seu tempo".

Afonso Romano de Sant'Anna é escritor, autor de *Drummond, o "Gauche" no Tempo*, livro básico para a compreensão da obra do poeta



Em sua cidade ameaçada, na Copa perdida, no fim de Sete Quedas, o cronista atento a tudo

# Treze anos no JORNAL DO BRASIL

Josué Montello

**T**RES vezes por semana, com a pontualidade do Sol surgindo no horizonte, Carlos Drummond de Andrade, desde 1969, publica a sua crônica no JORNAL DO BRASIL.

Quer isso dizer que, pela regularidade de sua presença e pela continuidade de sua colaboração, o grande poeta está de tal modo identificado com o JB, que é exatamente aqui que os leitores vêm procurá-lo, nos dias certos, sabendo que Drummond está à espera deles, dia sim, dia não, para lhes falar do mundo e da vida, com a originalidade de sua visão pessoal.

Em Carlos Drummond de Andrade, o prosador é tão grande, na graça e na limpidez da expressão literária, que o cronista, freqüentemente, parece querer suplantar o poeta na preferência de seu público. No entanto, quando bem refletimos sobre um e outro, chegamos à conclusão de que ambos correspondem — o prosador e o poeta — às duas faces da mesma medalha — e medalha de ouro puro, extraído dos mais ricos veios das montanhas mineiras.

Mário de Alencar, no prefácio a *A Semana*, de Machado de Assis, depois de acentuar que as crônicas do velho escritor se ajustavam admiravelmente às qualidades de seu gênio, recordou que foi como cronista que o futuro mestre de *Dom Casmurro* fez a sua iniciação literária.

Foi também como cronista que Drummond abriu caminho nas letras, à boa maneira machadiana. O poeta estreou com um poema em prosa, *Onda*, publicado em Itaboraí, no número único do jornalzinho *Maio*. Sinal de que o poeta e o prosador se confundiam, perfeitamente harmonizados, numa forma de expressão que já atendia ao cronista Carlos Drummond de Andrade, para quem a prosa da crônica de jornal é também o poema em prosa.

Com o rolar do tempo, ora o prosador se dissociou do poeta, ora ambos se confundiram, a serviço desta singularidade — o gênio do escritor.

Tenho bem nítido na memória o instante em que Drummond, com as iniciais de seu nome, iniciou no *Correio da Manhã* as duas colunas em grifo de sua obra contínua de cronista carioca. Carioca? Sim. Como Artur Azevedo, que veio do Maranhão. Como Urbano Duarte, que veio da Bahia. Como Medeiros e Albuquerque, que veio de Pernambuco. Como Alvaro Moreyra, que veio do Rio Grande do Sul. E Rubem Braga, que veio do Espírito Santo. Ou seja: a capacidade de surpreender o mundo, visto de Botafogo ou de Copacabana, de São Cristóvão ou da Tijuca.

Um desses cronistas, Medeiros e Albuquerque, recomendava, para a eficácia do texto de jornal, a sua composição na linha da peça teatral em três atos: no primeiro ato, a exposição do tema; no segundo, o debate; no terceiro, conclusão.

**O**RA, a crônica brasileira, até o advento da crônica de Machado de Assis, é, em essência, aparentada ao artigo de fundo de jornal. Mesmo as crônicas de Paulo Barreto e de Olavo Bilac ainda têm um ar composto e grave, à revelia da frase de espírito ou do episódio jovial.

Machado de Assis transformou a crônica a seu modo, no comentário lírico, no reparo risonho, no registro reflexivo. Dá a lembrar uma velha imagem de Sainte Beuve, que me teima na memória: a do cavaleiro que passa a galope, para ferir de surpresa com o leve raspão da ponta da lança.

Mas essa estocada de passagem sabia vir entremeadada pela frase lírica, freqüentemente de sabor evocativo, em que o velho escritor esquivo e calado levantava o véu da confidência, como nesta recordação da lembrança de Friburgo para a Capital do país:

"Também há quem indique Nova Friburgo; e, se eu me deixasse levar pelas boas recordações dos hotéis Leuenroth e Salusse, não aconselharia outra cidade. Mas, além de não pertencer ao Estado (sou puro carioca), jamais iria contra a opinião dos meus concidadãos unicamente para satisfazer reminiscências culinárias. Nem só culinárias; também as tenho coreográficas..."

Esse tom risonho e confiante, a que se associa a reminiscência pessoal, já se entremostrara nalgumas das crônicas que José de Alencar reuniu em *Ao correr da pena*. E tanto Alencar quanto Machado de Assis escreviam para folhas graves, ao tempo da sisudez imperial.

Nosso Carlos Drummond de Andrade molhou a sua pena de cronista, primeiro no *Correio da Manhã*, depois no JORNAL DO BRASIL, na mesma tinta lírica e jovial, a que associou, à boa maneira daqueles dois predecessores, o pingo da malícia apropriada.

Passam os anos, o país muda de regime político, surgem novos líderes, outros desaparecem, o mundo se transforma, novos valores despontam, outros encerram o seu périplo intelectual, e Drummond continua na sua coluna, fiel a si mesmo, fiel aos seus leitores, e é hoje, como será sempre ao longo da vida que Deus lhe der, o mestre de todos nós, com a juventude da palavra viva, o encanto da prosa límpida, o cabedal de sabedoria que ele soube acumular ao longo do caminho percorrido.

Ele próprio, num dos livros que compôs com o florilegio das páginas publicadas no JB, nos deu a receita de seu ofício, ao reconhecer, no título do volume, que *De notícias e não notícias faz-se a crônica*.

Faz-se? Sim, de pleno acordo. Mas a crônica de Drummond é única na sua feição diafana. Esvoaça na página, à feição do colibri que ele festejou há dias, na sua coluna. Mas também sabe ser firme, e duro, e viril, quando é preciso. Não é uma pluma — é uma bengalada rija, desferida por mão certa, a serviço da inteireza moral do

cronista, modelo de companheiro, exemplo de homem de bem.

Quando se anunciou o nascimento do brasileiro que perfaria os cem milhões de nossa população, Drummond comentou o fato numa crônica, pretexto para esta digressão evocativa: "Olho para esse brasileiro cem-milhões, nascido ontem ou por nascer daqui a algumas semanas, como se ele fosse meu neto... bisneto talvez. Pois quando me dei conta de mim, isto aí era um país de vinte milhões de pessoas, diluídas num território quase só mistério, que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra. Vi crescer a terra e lutarem os homens, entre desajustes e sofrimentos. Os maiores que dirigiam o processo lá se foram todos. Vieram outros e outros, e encontro nesta geração o novo rosto da vida, que se interroga. Há muita ingenuidade, também muita coragem, e os problemas se multiplicaram com o crescimento desordenado. Somos mais ricos... e também mais pobres."

Já se observou que a palavra escrita, quando concebida esteticamente, com o valor e o sentido da obra de arte, é um privilégio, porquanto traz consigo o poder de sobrepair ao tempo. Realmente, o efêmero, no comentário de um Drummond, tende a perder a perecibilidade, e a adquirir perdurabilidade, convertida em substância do verso ou da prosa literária.

**S**OU inclinado a admitir que, ao examinarmos, no seu conjunto, a vasta obra de Drummond, dificilmente marcáremos, em muitas de suas crônicas, a fronteira em que se dissociam o poeta e o prosador. Não necessitaríamos recordar o velho reparo segundo o qual o pássaro, mesmo andando, deixa sentir que tem asas. A poesia de Drummond, como instrumento de criação na captação do mistério da vida circundante, recorre também à prosa lírica.

E é quase verso. Ou é verso genuíno, que surge dos olhos de uma criança, do homem que parou para olhar a nuvem de poeira, ou a pedra que nos estorva no meio do caminho.

As crônicas compõem o verdadeiro diário de Carlos Drummond de Andrade. Bastará reuni-las, obedecendo à ordem cronológica, para daí resultar o diário monumental do escritor, mesmo nas ocasiões em que ele parece deixar de lado o comentário da vida corrente, para nos dar o conto, a anedota, o pequeno ensaio crítico. É o seu espelho ao longo do caminho, consoante o símile que Stendhal foi buscar em Saint-Réal.

Ouço dizer que Drummond está fazendo oitenta anos. Oitenta? Eis aí um belo tema para uma crônica do próprio Drummond — como só ele poderia escrevê-la. Qualquer coisa como o cronista diante do espelho. Ou o espelho diante do cronista.

O grande escritor incorporou-se ao JORNAL DO BRASIL na hora da maturidade gloriosa. Combativo — porque afirmativo — Drummond já havia alcançado aquele altopiano em que a restrição alheia só pode ser um equívoco ou uma forma de desencanto lamentável.

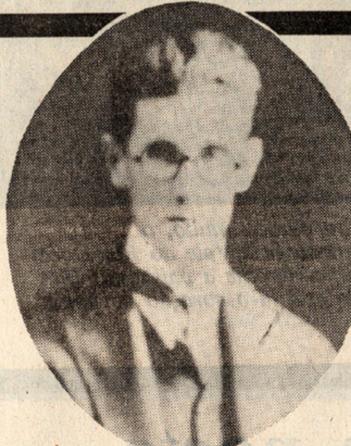
Ao publicar aqui as suas crônicas, o poeta insigne, nosso mestre, fez deste jornal o traço de união entre a sua mesa de trabalho e o seu novo livro. O JB tem dado em primeira mão, no seu Caderno B, os sucessivos livros de crônicas e de pequenos contos de Carlos Drummond de Andrade, nos últimos anos. Quer isso dizer que, assim como o JORNAL DO BRASIL faz parte da biografia de Carlos Drummond de Andrade, também Drummond faz parte da biografia do JORNAL DO BRASIL. E daí o ar de festa com que o vemos chegar aos oitenta anos — fiel ao seu espírito jovem — saudado pela unanimidade de nossos aplausos.

Josué Montello é escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e colaborador do JORNAL DO BRASIL.

## As datas do poeta

- 1902 — O poeta nasce em Itaboraí do Mato Dentro, Minas Gerais. Nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de D Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 — Começa o curso primário no Grupo Escolar Dr Carvalho Brito.
- 1915 — Trabalha alguns meses como caixeiro e, em retribuição, a casa comercial Randolpho Martins da Costa lhe oferece um corte de casimira.
- 1916 — Por problemas de saúde interrompe os estudos no segundo período escolar do Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, onde era interno e conheceu Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco.
- 1918 — Depois de receber aulas particulares do professor Emílio Magalhães, em Itaboraí entra como aluno interno no Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo. Colabora na *Aurora Colégial*, ganha em "certames literários" (provas parciais) postos de "coronel" e "general". Seu irmão Alívio, que o estimula na criação literária, publica no jornalzinho *Maio* o poema em prosa *Onda*.
- 1919 — É expulso do colégio, após incidente com o professor de Português.
- 1920 — Passa a morar em Belo Horizonte, para onde se transferiu com a família.
- 1921 — Seus primeiros trabalhos são publicados no *Diário de Minas*, na seção *Sociais*, após contatos seus com o diretor, José Osvaldo de Araújo.
- 1922 — Em concurso da *Novela Mineira*, obtém o prêmio de 50 mil réis pelo conto *Joaquim do Telhado*. Escreve a *Alvaro Moreyra*, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica trabalhos seus nas revistas.
- 1923 — Entra na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, após exame vestibular.
- 1924 — Carta a Manuel Bandeira, quando manifesta, cerimoniosamente, sua admiração ao poeta.

- 1925 — Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Funda *A Revista*, órgão modernista do qual saem três números, com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo.
- 1926 — Seu interesse pela profissão de farmacêutico, e não se adaptando à vida de fazendeiro, Drummond leciona Geografia e Português no Ginásio Sul-Americano de Itaboraí. Volta para Belo Horizonte por iniciativa de Alberto Campos, como redator, e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Sem conhecê-lo, Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema *Cantiga de Viúvo*.
- 1927 — Nasce e vive alguns instantes seu filho Carlos Flávio.
- 1928 — Nascimento de sua filha Maria Julieta. Com a publicação, na *Revista de Antropofagia* de São Paulo, do poema *No Meio do Caminho*, "gera" um escândalo literário.
- 1929 — Deixa o *Diário de Minas* para trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado. Passa de auxiliar de redação a redator.
- 1930 — Publica *Alguma Poesia* (500 exemplares), com a ajuda da Imprensa Oficial que desconta o que foi gasto na folha de vencimentos do funcionário. O selo, ineditário, é de Edições Pindorama, criado por Eduardo Frieiro.
- 1931 — Morre seu pai, aos 70 anos.
- 1933 — É redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema nos três meses em que este foi Interventor Federal em Minas Gerais.
- 1934 — Volta às redações: trabalha em *Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *Diário da Tarde*. Publica *Brejo das Almas* (200 exemplares) pela cooperativa *Os Amigos do Livro*. Transfere-se para o Rio, como chefe de gabinete do novo Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema.
- 1937 — Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1938 — Sofre um acidente de automóvel.
- 1940 — Publica *Sentimento do Mundo*. Distribui os 150 exemplares entre os amigos e escritores. Assina sob o pseudônimo de *O Observador Literário* a seção *Conversa de Livraria*, em *Euclides*, revista de Simões dos Reis.
- 1941 — Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.



Belo Horizonte, 1930

- 1942 — A Editora José Olympio publica *Poesias*.
- 1943 — *Uma Gota de Veneno* é o título de sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, que publica.
- 1944 — Surgem *Confissões de Minas*, por iniciativa de Alvaro Lima.
- 1945 — Publica *A Rosa do Povo* e *O Gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema. A convite de Luiz Carlos Prestes é o co-diretor de *Tribuna Popular*, diário comunista, juntamente com Pedro Motta Lima, Alvaro Moreira, Aydanô do Couto Ferraz e Dalcídio Jurandir. Discordando da orientação do jornal, afasta-se meses depois.
- 1946 — Pelo conjunto de sua obra, recebe o prêmio da Sociedade Felipe d' Oliveira.
- 1947 — Data de publicação de sua tradução de *Les Liaisons Dangereuses*, de Laclot.
- 1948 — Publica *Poesia até Agora*. É colaborador de *Política e Letras* de Odylo Costa, filho. Enquanto acompanha o enterro de sua mãe, em Itaboraí, é executado no Teatro Municipal, do Rio, o *Poema de Itaboraí*, de Villa-Lobos, composto sobre o seu poema *Viagem na Família*.
- 1949 — Volta a escrever em *Minas Gerais*. É ano também do casamento de sua filha Maria Julieta com o escritor e advogado argentino

- Manuel Graña Etcheverry, que passa a morar em Buenos Aires.
- 1950 — Vai a Buenos Aires para o nascimento de seu primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 — Publica *Claro Enigma*, *Contos de Aprendiz* e *A Mesa*. Em Madrid, aparece o volume *Poemas*.
- 1952 — Publica *Passeios na Ilha e Viola de Bolso*.
- 1953 — Deixa o cargo de redator do *Minas Gerais*. Vai a Buenos Aires conhecer o segundo neto, Luís Maurício. É publicado o volume *Dos Poemas*, em Buenos Aires.
- 1954 — Publica *Fazendeiro do Ar* e *Poesia até Agora*, a tradução de *Les Paysans*, de Balzac. Inicia na Rádio Ministério da Educação, em diálogo com Lyá Cavalcanti, a série de palestras *Quase Memórias*. No *Correio da Manhã*, as crônicas *Imagens*, mantidas até 1969.
- 1955 — É editada a *Viola de Bolso Novamente Encordada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica *Soneto da Buquinagem*, como presente aos amigos.
- 1956 — Surgem *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*. Além da tradução de *Albertina Disparue*, ou *La Fugitive*, de Proust.
- 1957 — *Fala, Amendoeira* e *Ciclo* são publicados.
- 1958 — Na *Coleção Poetas do Século Vinte*, de Buenos Aires, é editada uma pequena seleção de seus poemas.
- 1959 — Ano de publicação de *Poemas*. Encenação de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, baseada em sua tradução, pela qual recebe o prêmio Padre Ventura, do *Círculo Independente de Críticos Teatrais*.
- 1960 — A Biblioteca Nacional edita sua tradução de *Oiseaux-Mouches Orthorynques du Brésil*, de Descourtilz. Nasce seu terceiro neto, Pedro Augusto, em Buenos Aires.
- 1961 — Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação.
- 1962 — Publicados *Lição de Coisas*, *Antologia Poética*, *A Bolsa & a Vida*. Além das traduções de *L'Oiseau Bleu*, de Maeterlinck e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière; pela segunda, que O Tablado encena, recebe o prêmio Padre Ventura.
- 1963 — Publica-se, em Santiago, do Chile, o opúsculo *Poesia de Carlos Drummond de Andrade*. E, no Brasil, a tradução de *Sult*, de Knut Hamsun. Ganha os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores e Luísa Cláudio

- de Sousa, de Pen Club do Brasil, por *Lição de Coisas*. É também o ano em que participa do programa *Vozes da Cidade*, da Rádio Roquette Pinto e dá início a *Cadeira de Balança*, na Rádio MEC.
- 1964 — Edição da *Obra Completa*, pela Aguilar.
- 1965 — Publicação de *Antologia Poética*, em Portugal; in *Middle of the Road*, Estados Unidos; *Poesie*, Alemanha; *Rio de Janeiro em Prosa & Verso*, em colaboração com Manuel Bandeira, no Brasil. Colabora em *Pulso*.
- 1966 — Edição de *Cadeira de Balança* e *Natth och Rosen* (este na Suécia).
- 1967 — Ano fértil: saem do prelo *Versiprosas*, José & Outros, *Uma Pedra no Meio do Caminho*, *Minas Gerais* (Brasil), *Mundo, Vasto Mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 — Publicação de *Boiteupo* e *A Falta que Ama*.
- 1969 — Deixa o *Correio da Manhã* e passa a colaborar no JORNAL DO BRASIL. É o ano em que sai *Reunião*.
- 1970 — *Caminhos de João Brandão*, poemas e crônicas, chegam às livrarias.
- 1971 — Ano de *Seleta em Prosa e Verso*, textos de C.D.A. escolhidos por ele mesmo.
- 1972 — É editado *O Poder Ultrajovem*.
- 1973 — Publicadas as crônicas reunidas em *Impureza do Branco* e as poesias de *Menino Antigo*.
- 1974 — Publicação de *Notícias e Não-Notícias faz-se a Crônica*. Ganha o prêmio de poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 — Em edição de luxo, da Alhambra, são publicados poemas em *Amor, Amores*. Ganha o Prêmio Nacional Walmap, de poesia e recusa, por "motivos de consciência" (a premiação era do Governo) o Prêmio Brasília de Literatura da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 — Ano de uma edição particular — *A Visita* — de *Os Dias Lindos*, crônicas e a edição búlgara de *Sentimento do Mundo*.
- 1978 — São publicados poemas em *O Marginal Clorindo Gato*.
- 1979 — Ano de poesia em *Esquecer para Lembrar*.
- 1980 — Sai *A Paixão Medida*, poesia.
- 1981 — Ano de *Contos Plausíveis*, edição JB. Em preparo: a edição de *A Lição do Amigo*, cartas recebidas de Mário de Andrade.

# ITABIRA/ Em lugar do filho ilustre (que não vê há 28 anos), um canteiro em forma de coração

Nairo Almeri

**I**TABIRA — Os contemporâneos de Carlos Drummond de Andrade sempre foram minoria na tentativa de defender o poeta das críticas que lhe fazem os conterrâneos de gerações mais novas, por não querer ele voltar à sua terra natal. Agora, porém, as posições se invertem, e no dia 31 de outubro — quando Drummond completa 80 anos — entre 40 e 50 mil folhetos com poesias suas serão espalhados pelas ruas da cidade.

Em setembro, fez 28 anos que Drummond aqui veio pela última vez (traslado dos restos mortais de sua mãe, Julieta Augusta Drummond, para Belo Horizonte). Desde então os itabiranos só puderam homenageá-lo a cada aniversário. Ausência é justificada pelo poeta com o argumento de que lhe seria doloroso rever a cidade, cada vez mais desfigurada pelo progresso que a mineração da Companhia Vale do Rio Doce trouxe para cá.

Entre os mais velhos itabiranos, são poucos os que retornam, como foi o caso do Embaixador Antônio Camilo de Oliveira, falecido recentemente aos 93 anos, delegado do Brasil na conferência de São Francisco, um dos que elaboraram a Carta da Organização das Nações Unidas. Vinha sempre passar a Semana Santa na cidade, mas limitava-se a ficar recolhido ao sobrado que a família mantém no começo da Rua Tiradentes, das poucas onde ainda existe alguma coisa intacta do tempo em que dominavam as construções de pau-a-pique.

Dona Zoraida Diniz, 89 anos, pertence à família itabirana de músicos e era quem emprestava revistas ao Carlito (como chamava Drummond), então um adolescente.

Ele lia revistas velhas que nos enviava uma prima portuguesa que morava no Rio. Gostava muito de ler *A Careta* e *Fon-Fon* revelou Dona Zoraida, que ainda guarda o bilhete de uma amiga — a Ninita Castilho, filha do padrinho de batismo de Drummond, que diz: "Zoraida, o Carlito, em confiança, levou suas *Caretas*."

Essas e outras lembranças, como a época em que Drummond foi caixeiro no armazém do Raul Martins da Costa, como recorda Caio Martins da Costa, seu ex-colega de francês no mestre Emílio, figuram no rol de justificativas de

Drummond, das quais não abre mão, para não mais voltar à cidade que o viu nascer. Isso lhe valeu, por parte da maioria dos itabiranos frustrados por sua ausência nas homenagens prestadas, quase três décadas de antipatia, mesmo que velada.

Itabira segue hoje um ritual, que se repete sempre em outubro, quando o poeta é discutido até nos bares da periferia. Drummond começa a ser estudado e analisado na Semana da Paz, que antecede ao dia 9 de outubro, data de fundação da cidade, e que se prolonga com maratonas, jogos e concursos culturais até o dia 30, véspera do aniversário do poeta. Sua presença, pelo menos no encerramento dos festejos, já foi pedida por dezenas de caravanas de itabiranos, que sempre voltam frustradas do Rio.

A última grande tentativa de trazer Drummond foi em 1972, quando ele completou 70 anos. O poeta mandou em seu lugar uma gravação em cassette, agradecendo as "generosas homenagens à minha pessoa, pelo fato de eu estar fazendo anos". Passados cinco anos, recusaria a inaugurar uma avenida com seu nome. Mais tarde, uma comitiva regressaria do Rio com a notícia de que também recusava o convite para escolher o lugar onde gostaria de ver remontada a casa-sede da fazenda do pontal, porque lá teria apenas passado alguns dias, que não lhe deixaram muitas lembranças. ("Oh que saudades não tenho de minha casa paterna" — Edifício Esplendor). As justificativas do poeta não convenceram seus conterrâneos, que então intensificaram suas críticas ao poeta.

Três anos depois, em 1980, surgia um tablóide mensal, *O Cometa Itabirano* — dizendo-se "independente" e disposto a pôr fim à cobrança da presença física de Drummond. Sua linha de ação: a divulgação das obras do poeta, intercaladas de entrevistas. Sabidamente, os editores do jornal deram destaque a uma entrevista com o Bispo de Itabira, Dom Mário Gurgel, que atacou o desprezo da população pelos valores culturais, culpando por isso, em parte, o fato de a cidade receber muitos forasteiros.

Conseqüentemente, o que menos Itabira tem é itabiranos. E os itabiranos não tem mais como último ideal ser Prefeito de Itabira, mas ser superintendente da Vale do Rio Doce, de modo que a companhia se tornou mais importante do que a cidade. Isso faz com que Itabira fique cercada de um marcante desinteresse coletivo, o que é um ponto negativo.

A entrevista, para surpresa de muitos, des-

perrou a comunidade jovem para um questionamento sobre os motivos do afastamento unilateral do poeta.

— Seria um desrespeito a sua inspiração querer sua volta aqui. A vinda de Drummond é questão fechada para nós, pois achamos que ele está sempre presente em Itabira, com suas preocupações pelo futuro da cidade — afirma Carlos Cruz, 26 anos, de *O Cometa Itabirano*, que está promovendo o I Salão Nacional de Humor de Itabira — prêmio Carlos Drummond de Andrade. Quando esteve na casa de Drummond no Rio, ficou impressionado:

— O poeta está atualizado sobre os problemas da cidade, a destruição das casas coloniais e a exaustão da mineração.

— Hoje, minha geração já não sofre, como a anterior, os traumas dessa ausência. Acho que o Carlos não vem porque tem muitos motivos, porque sofreria muito, já que as coisas belas do seu tempo de Itabira estão só na sua memória, na sua lembrança. Elas não existem mais — justifica Marbel Araújo Andrade, 19 anos, sobrinha-neta de Drummond, primeira colocada na maratona *Vida e Obra do Poeta Carlos Drummond de Andrade*, realizada este ano pela Escola Mestre Zeca Amâncio.

Mabel não acha difícil falar sobre a obra do tio-avô.

— Acho que o sangue ajuda um pouco — comenta em tom de brincadeira.

Para ela o poeta não tem raiva dos itabiranos. Se ele já tinha muitos motivos para não voltar, a doença da esposa, dona Dolores, é mais um.

Carlos Cruz garante que hoje Drummond já está mais presente nas escolas de Itabira.

— Já tive preconceitos contra ele, porque na escola, pelo menos de 1968 a até bem pouco tempo, os professores de Português não achavam Drummond digno de ser lido. Hoje a mentalidade dos professores é outra.

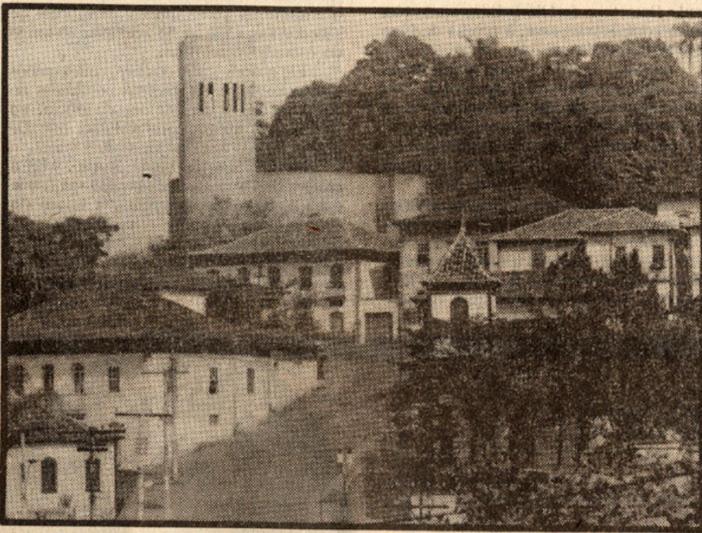
Raimundo Macedo, dono do Bar Mundico, atesta o que Carlos Cruz afirma.

— Hoje as coisas mudaram bastante. Tenho três filhas que são professoras e a criação do grupo é fanática para conhecer Drummond.

Uma das netas de dona Quinininha (Evantina Pereira Guerra), de 88 anos — que em 1948 comprou a casa onde Drummond morou, na antiga Praça Municipal, atual Praça do Centenário — chegou a telefonar para o Rio, para saber de viva voz a razão do afastamento. A Ludmila Martins da Costa Guerra, 17 anos, o poeta disse que não voltava mais "porque todos já se foram embora para o Cruzeiro (cemitério), mas você é muito jovem para entender isso".

Dona Quinininha, cujo marido comprou em 1948 a casa que foi de Carlos Paula de Andrade, pai do poeta, ainda se lembra da última visita que Drummond fez à cidade. Ele foi levado à casa paterna pelo irmão, Altivo Drummond de Andrade, e ficou menos de meia hora.

Hoje a casa é muito visitada, como se fosse atração turística, e todos pedem para ver o quarto em que viveu Carlos Drummond e o canteiro do jardim, em forma de coração, deixado por ele.



Itabira mudou muito, o progresso (e a Vale do Rio Doce) modificaram-lhe a paisagem. Mas ainda está lá o coração do poeta



Desenho-recorte feito por Beatrix Sherman, em 1923

## Duas palavras sobre o poeta

"Drummond é o poeta da nossa nacionalidade, é o norte, a nossa luz, a nossa nau. Lamento que todo o país, independente da vontade do próprio poeta, não viva esta data na sua plenitude através de todos os meios de comunicação, nas universidades, nas fábricas, nos hospitais, nas associações de bairro, nas comunidades de base, nos parques, nos morros, nas lojas, nas igrejas, nos colégios, enfim, nos campos, nas cidades e nos mares brasileiros."

(Fernanda Montenegro, atriz)

"Grande poeta, grande caráter, grande amigo: para mim o mundo não seria o mesmo sem Carlos Drummond de Andrade."

(Otto Lara Rezende, escritor)

"Antigamente eles morriam na casa dos 20 anos, como Castro Alves ou mal chegados aos 40, como Gonçalves Dias. Neste nosso novecentos um Manuel Bandeira, apesar de "tísico profissional", chegou aos 82. E Carlos Drummond de Andrade, nos seus enxutos e luminosos 80 anos, promete chegar pelo menos aos 102. É, Deus tem sido bom para nós."

(Rachel de Queiroz, escritora)

"Considerando-se homem de ferro, Drummond dá nova associação de ferro a um tipo superiormente humano. Ele é um poeta triunfalmente de ferro".

(Gilberto Freyre, sociólogo)

"Djavan quer um lugar ao sol. Por merecimento, vai ter. / Ultimamente Djavan, dia e noite, vive a ler / As poesias completas de Carlos Drummond, Sugeridas como por encanto no horizonte do seu apetite / De poesia vivida, poesia provada, palavra dita em alma / Surdinada, solene, exata, clara, vera, vívida. Ai que saudades que eu tenho do tempo em que, Djavan, / Jovem discípulo procurando o Mestre, / Encontrei não a pedra na estrada / Mas a estrada de pedra que vai à fonte de tudo / Ou nada, mas vai sem medo palmilhando poeira e esperança."

(José Carlos Oliveira, escritor)

"Drummond é a maior figura intelectual do Brasil contemporâneo e uma das maiores da história do Brasil. De uma humildade que se aproxima da humildade de São Francisco de Assis."

(Alceu de Amoroso Lima, escritor)

"A poesia de Drummond é o produto raro do equilíbrio entre a inteligência e a emoção. Mas uma inteligência que é sobretudo ética — crítica e autocrítica — e que bebe na generosa fonte da solidariedade, da fraternidade, do inconformismo. Tudo isso expresso recatadamente, com mais ironia que alarde. Clara, densa e sempre jovem, a sua poesia lembra a água."

(Ferreira Gullar, escritor)

"Eu pediria à juventude brasileira que, no dia 31, dedicasse algumas horas de leitura à obra de Drummond. Estou certo de que os nossos jovens se sentiriam orgulhosos de ser contemporâneos desse grande poeta e prosador."

(Cyro dos Anjos, escritor)

"Drummond é lindo!"

(Caetano Veloso, compositor)

"Deixei de ser ateu para acreditar num deus que é o Carlos Drummond de Andrade."

(Mário Lago, ator)

"Acho Drummond o poeta brasileiro

mais importante não só entre os contemporâneos como entre os do passado."

(Pedro Nava, escritor)

"Extraordinário poeta e grande prosador, Drummond representa um dos pontos mais altos da literatura brasileira de todos os tempos."

(Afonso Arinos de Mello Franco, jurista)

"Toda obra de Carlos Drummond de Andrade é amparada pelo bom gosto e pela alta musicalidade que ela contém."

(Francisco Mignone, compositor)

"Desde que me vivo, convivo com a sua obra, por íntima afinidade. Sei de muitos que, como eu, se nutrem dela, para sobreviverem na contenção e força, na esperança sem ilusão, na bondade e beleza. Que o poeta continue por muitos e muitos séculos!"

(Antônio Houaiss, escritor)

"Glória da literatura brasileira ao lado de Machado de Assis, um dos maiores

poetas de nosso tempo em todo o mundo, padrão de dignidade intelectual e extraordinária figura humana — é um dos meus grandes orgulhos ser seu amigo e admirador desde os 18 anos."

(Fernando Sabino, escritor)

"Eu não sei como seria a minha vida sem o Drummond. É o maior poeta e é meu amigo."

(Tom Jobim, compositor)

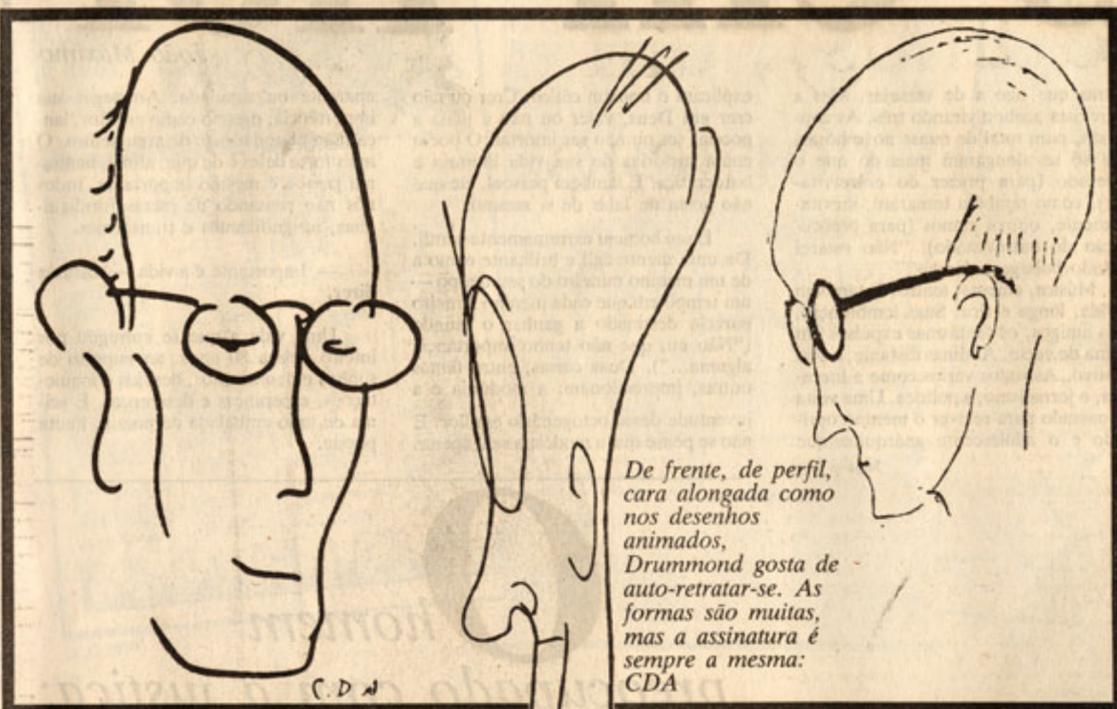
"Eu espero que, como um bom fazendeiro do ar, ele continue arando nuvens de imaginação e fantasia durante outros tantos 80 anos."

(Fernando Torres, ator)

"Considero Carlos Drummond de Andrade um dos homens importantes já nascidos em nosso país. Homem com H maiúsculo. Orgulho-me e me desvanço de nossa amizade de perto de meio século."

(José Olympio, editor)

# CDA visto pelos outros e por ele mesmo

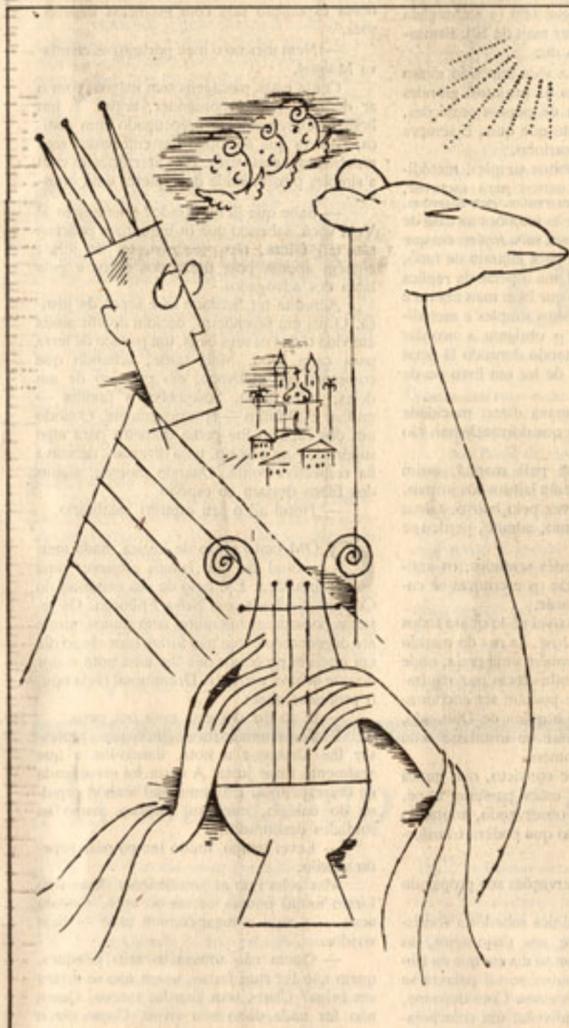


De frente, de perfil, cara alongada como nos desenhos animados, Drummond gosta de auto-retratar-se. As formas são muitas, mas a assinatura é sempre a mesma: CDA

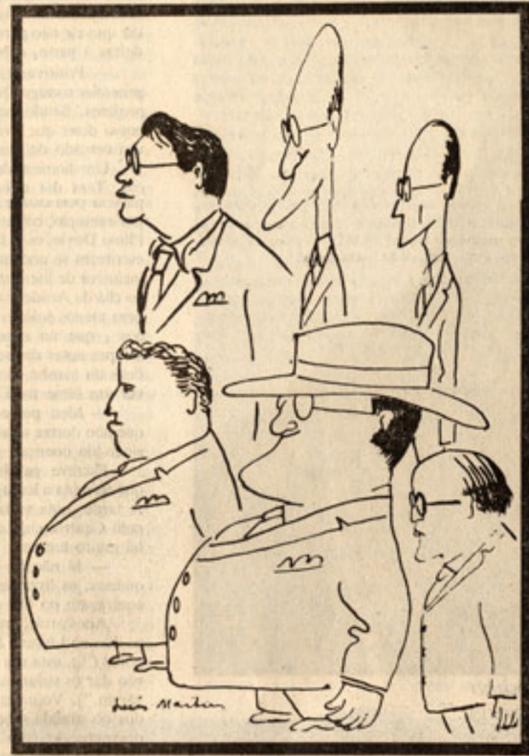
**N**A sala ampla, clara, três Portinaris: um retrato de Maria Julieta adolescente, um negro "cheio de dignidade" e um desenho a lápis em que o pintor deixou registrada carinhosa dedicatória. É mais quatro Binachis, um Lúcio Cardoso, um Heitor dos Prazeres. Presentes de amigos ("Eu não teria dinheiro para comprá-los...") que o poeta guarda não apenas por isso, mas sobretudo porque, homem plural

que é, tem muita sensibilidade também para as artes plásticas. Adora desenhos. E chega mesmo a considerar-se "um desenhista frustrado", que nem o contorno de uma mão sabe traçar direito. Mesmo assim, tenta. Autocaricaturou-se algumas vezes. Aventu-

rou-se a rabiscar perfis de amigos fraternos, como Manuel Bandeira. E por outro lado foi caricaturado por uma infinidade de artistas, profissionais ou bissextos: Di Cavalcanti, Gilberto Freyre, Ribeiro Couto, Augusto Rodrigues, Moura, Alvarus, Emílio Moura, Sábat, Chico Caruso, Luís Jardim, Lan, Luís Martins. —Adoro caricaturas. E como lastimo não ter conhecido pessoalmente este artista notável que foi J. Carlos.



De Moura, o caricaturista mineiro, Drummond recebe anualmente um cartão de Natal



Ao alto (D), o mais magro entre Mario Neme, José Lins do Rego, Ayres da Mata Machado Filho, Alvaro Moreira e Di Cavalcanti, perfilados por Luís Martins



Drummond no traço de Sábat, caricaturista uruguaio



CDA visto por Augusto Rodrigues



Perfil a traço fino assinado pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre



Embaixador, o poeta Ribeiro Couto fez de memória o traço a pedido de Eneida



Um Drummond mais informal nasceu da caricatura de Di Cavalcanti

Citada pelo poeta, quando este se referia às novelas, Joana Fomm emocionou-se, disse que tinha uma história a contar, pediu alguns minutos para escrever suas linhas sobre os 80 anos de Drummond. Depois, informou ter feito quase uma carta. — Não estou falando para os leitores, mas com ele.

"Drummond foi onde comecei a ler e continuo. Meu ponto de referência desde adolescente. Esperávamos o mesmo ônibus na Central do Brasil pra voltar pra casa. Ele voltava no ônibus e eu voltava nele, que nem sabia. Era a "minha viagem". Eu tinha 15 anos nessa época. Depois descobri numa crônica sua — Dr Rodolfo — que tínhamos o mesmo médico e o mesmo sentimento a respeito dele. Dr Rodolfo morreu, Drummond, mas lembra o perfume que vinha dos cabelos dele quando encostava a cabeça no peito da gente? Agora você me cita e eu desabo toda. Mas valeu. Meu amor foi retribuído."



Joana Fomm, a admiração recíproca (e antiga)

"Anos atrás, repórter do Diário de Notícias, fui fazer uma entrevista com o dramaturgo espanhol D Jacinto Benavente, que viajava para Buenos Aires. Perguntei-lhe: — Qual o escritor brasileiro de seu conhecimento? — Indeciso, não soube me responder de pronto. Mas a certa altura lembrou-se de que havia lido e gostado de um poeta chamado D Carlos... Completei — D Carlos Drummond? — Si, si, Don Carlos Drummond, mui grande poeta de su país". Digo eu: se um Prêmio Nobel de Literatura opinou sobre nosso D Carlos Drummond, o que poderá acrescentar este pobre homem de Caruaru?"

(João Condé, jornalista)

"Ser amigo do nosso poeta maior é um privilégio. E eu tenho este privilégio."

(Alvarus, caricaturista)

"Nada posso acrescentar sobre Carlos que todo mundo já não saiba. Para mim ele é um cara bacana, jovem e conseqüente, qualidades muito difíceis de se encontrar. Somos grandes amigos e ele está sempre me

ensinando coisas. É bom aprender com ele. Que avoção que eu tenho!"

(Pedro Augusto, 22 anos, neto de Drummond)

"Desfrutar da amizade de Drummond, que eu tenho há longos anos, é uma das grandes alegrias da minha vida."

(Plínio Doyle, bibliófilo)

A pedra do meio do caminho se tornou monumento. Uma flor brota do asfalto carioca para saudar-te. Minas ainda há e já não dói porque és eterno, Fazendeiro do Ar e da Arte.

(Dom Marcos Barbosa, escritor)

"Drummond é um mineiro carioca do Brasil universal. É poeta moderno primitivo e acadêmico quando quer. Pra mim ser poeta não é só saber transar com a palavra. O importante é o conteúdo e as opiniões indiscriminadas, descomplexadas e comprometidas como as do Drummond que, corajosamente, se expressa na hora certa como

uma vez escreveu: "Não prendam Nara Leão." Ele é uma das rosas do povo."

(Martinho da Vila, compositor)

"Carlos Drummond de Andrade ocupa no Brasil de hoje um principado na poesia que ele mesmo considera que não merece. Mas na verdade é seu pelo alto valor da obra realizada e que ficará como testemunho do prestígio da vida literária nacional no tempo que vivemos."

(Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras)

"É uma criatura de uma delicadeza e sensibilidade incomparáveis, uma grande ternura e paciência com a admiração da gente. O amigo mais doce e um dos meus orgulhos de ser mineira."

(Maria Lúcia Godoy, cantora)

"O Carlos Drummond cria nos seus admiradores uma grande dificuldade: é saber se é maior o poeta, o prosador ou o homem de caráter que é um exemplo de integridade e de interesse pela causa da coletividade."

(Barbosa Lima Sobrinho, jornalista)

# 80 anos em flor

João Máximo

Se dependesse do poeta, os 80 anos nem seriam notados, as comemorações muito discretamente vividas, em casa, na intimidade, ou em qualquer outro lugar, mas sempre sem festas, sem saudações efusivas, sem homenagens. De um ou outro amigo mais antigo e chegado poderia vir um cartão, um telegrama, um abraço. E só. Que ninguém se incomodasse com presentes. Reportagem em jornal? Inútil tentar. Quanto mais um caderno.

Isso se dependesse do poeta, que prefere as coisas como ele mesmo, tímidas, discretas. A idéia de ser o centro das atenções o apavora. Daf ter deixado, por tanto tempo, que se criasse à

sua volta a imagem de homem difícil, inacessível, impossível de entrevistar. Apenas imagem. No fundo, além do artista elegante e sensível que todos sabem, é alguém em quem se pode encontrar a todo instante, no convívio diário ou numa entrevista, esta combinação rara de delicadeza e humor.

E como não dependia do poeta — “Acho que talvez seja inevitável...” — concordou em cooperar. Não com a feitura de um caderno, que na certa o colhe de surpresa, presente antecipado (o aniversário é no domingo, dia 31). Mas com uma ou duas matérias que abordassem as relações de sua obra com a música, o cinema, o teatro, artes

outras que não a de versejar. Mas a entrevista acabou virando três. As conversas, num total de quase nove horas, não só se alongaram mais do que o esperado (para prazer do entrevistador), como também tomaram, inevitavelmente, outros rumos (para preocupação do entrevistado): “Não estarei falando bobagem demais?”

Música, cinema, teatro. E também a vida, longa e rica. Suas lembranças, seus amigos, os fantasmas expulsos em forma de verso. A Minas distante, o Rio adotivo. Assuntos vários como a literatura, o jornalismo, a política. Uma volta ao passado para reviver o menino oprimido e o adolescente anárquico que

explicam o homem cético. Crer ou não crer em Deus, valer ou não a pena a poesia, ser ou não ser imortal. O poeta conta histórias de sua vida literária e burocrática. E também pessoal, ele que não gosta de falar de si mesmo.

É um homem extremamente gentil. De uma mente ágil e brilhante como a de um menino mineiro do seu tempo — um tempo em que cada menino mineiro parecia destinado a ganhar o mundo (“Não eu, que não tenho importância alguma...”). Duas coisas, entre tantas outras, impressionam: a modéstia e a juventude desse octogenário em flor. E não se pense que a modéstia seja apenas

aparente ou simulada. Ao negar sua importância, mesmo como escritor, lança mão de toda sorte de argumentos. O mais forte deles é de que, afinal, nenhuma pessoa é mesmo importante, todos nós não passando de meras formiguinhas, insignificantes e transitórias.

— Importante é a vida — costumava dizer.

Uma vida a que se entregou por inteiro nesses 80 anos, ao impulso de sonhos e desencantos, desejos e inquietações, esperanças e descrenças. E acima de tudo embalada de poesia, muita poesia.



Rogério Reis

O sorriso jovem do poeta às vésperas do octagésimo aniversário: “... a vida tem sido muito generosa comigo.”

**B**eija-flores, flores, animais, plantas. “Não creio em Deus, mas também não tenho motivo para não crer”

DRUMMOND pede desculpas pela desarrumação do escritório, uma espécie de santuário onde exerce religiosamente o seu ofício. Mas não há desarrumação. Apenas a máquina de escrever aberta, à espera de que as mãos magras do poeta venham passar para o papel seus versos, sua prosa. O toca-discos fica meio escondido a um canto. Os discos, separados de dez em dez e devidamente numerados, são protegidos entre livros grandes e pesados. Tudo é muito simples e organizado, como o próprio Drummond. Uma cerâmica de Antônio Poteiro, um nu de Bianchi, um quadro de Rafael Alberti, a chave de ferro que abria a porteira da já extinta fazenda o pai. No quarto ao lado, outra estante, igualmente repleta (hoje, a maioria dos livros que recebe lê e passa adiante, por absoluta falta de espaço). Ali está, cuidadosamente guardada, a coleção encadernada da *Caretta*. Abre, delicioso, um dos volumes:

— Veja como o Hermes da Fonseca era castigado.

A época era a que antecedia o casamento do Marechal com Nair de Tefé. A revista mostra inúmeras charges sobre o assunto, o Presidente desfolhando a margarida, o Presidente vestido de noiva.

— Isso, naturalmente, foi antes de a censura obrigar a *Caretta* a se comportar, a trocar a política por coisas inofensivas.

E mostra a capa de um número mais adiante, um inocente banho de mar ocupando o lugar que antes seria destinado a uma crítica ao Marechal. O poeta parece saber de tudo, daquele e de outros tempos. Mas insiste que não. Diz que é absolutamente verdadeira a história que contou outro dia, numa crônica. Queixava-se de não ver há muito tempo um beija-flor, o que provocou protesto da vizinha de baixo:

— Não vê porque não quer.

E a vizinha informou-o de que todos os dias, ali mesmo, em sua janela, pousava um beija-flor.

— Ora, se eu não sei o que se passa aqui, na minha janela, como posso saber o que se passa no mundo?

Beija-flores, flores, animais, plantas, Drummond revela ter um profundo interesse pela natureza, pelo ser vivo. Qualquer ser vivo.

— Outro dia um bichinho começou a voar sobre o papel em que eu escrevia. Voava por ali, em torno da luz, perto de mim. Senti-me tomado de grande emoção. Como se uma corrente inconsciente ligasse todos os seres do Universo. E essa

sensação não acontece só comigo. É muito conhecido o episódio que se passou com Goeldi. Certa vez, ele viu uma barata sem perna caminhar sobre o pó da madeira em que criava uma de suas gravuras. Goeldi sentiu-se ligado à barata, identificado com o bicho. Uma criatura vil, mesquinha, e no entanto o artista tornou-se amigo dela.

Essa corrente inconsciente ligando todos os seres do Universo não teria algo a ver com Deus? O poeta acredita em Deus?

— Sou agnóstico. Não creio em Deus, mas também não tenho nenhum motivo para não crer. Na verdade, não tenho meios para discutir o assunto. Há muitos deuses espalhados pelo mundo. Os chineses têm um deus, os hindus outro, os antigos vários outros. E todos funcionam. Deus existe na medida em que acreditamos nele. Sei que há pessoas que, no sofrimento e no desespero, apelam para Deus. E são atendidas. Já a mim a explicação divina não convence. E as religiões? Veja a Católica: santos cassados, padres discutíveis. Há muito folclore em torno de tudo isso. Embora saiba que, para inúmeras pessoas, a religião é importante. Pessoas que creem. E que, em nome dessa crença, tentem praticar todas as virtudes. Eu, porém, não consigo acreditar em nenhuma religião. Não me gabo disso, porque, afinal, não é uma constatação científica. Sou um indivíduo que perdeu o senso do divino, mas que o respeita.

DRUMMOND confessa que às vezes é levado a gostar mais dos animais do que das pessoas. Os animais, segundo ele, não têm defesa. Da mesma forma, as plantas o sensibilizam muito. A reflexão que se segue parece ter muita relação com um poema de mais de 40 anos atrás (“Por que fiz o mundo? Deus se pergunta e se responde: Não sei...”).

— Que coisa bonita as plantas! Indago-me por que terá sido criada a beleza. A resposta de que ela existe para que o homem a aprecie não me serve. E a sublime beleza das selvas, das matas virgens, de locais aonde o homem ainda não chegou e, portanto, não pode apreciá-la?

O poeta gosta muito das pessoas que conversam com bichos e plantas, vê nelas uma natureza afetiva, uma grande capacidade de amar.

— Não é verdade que essas pessoas não gostam de outras pessoas. Elas apenas entendem aos bichos, à plantas, seu amor pelo ser humano. Só lamento não ter chegado antes a esse profundo respeito, a esse amor pela natureza.

**O** homem preocupado com a justiça: “Sabe que já fui jurado? Que angústia!”

**A**QUI entre nós, envelhecer não é bom.

As palavras do poeta não contêm o menor vestígio de pena ou queixa. São antes uma reação bem-humorada, um fingimento de zanga de alguém um pouco cansado de ouvir dizer que está muito conservado, que nem aparenta a idade que tem (a empregada diz que ele não parece ter mais de 19). Brincadeiras à parte, o poeta diz:

— Positivamente, a vida tem sido muito generosa comigo. Nunca fiz projetos, grandes projetos. Sendo pessoa de poucas ambições, posso dizer que tive tudo que quis. E sempre vivi cercado de muito carinho.

Um homem de hábitos simples, metódicos. Tem dia e hora certos para escrever, passear pela cidade, fazer visitas. Aos sábados, por exemplo, costuma ir às reuniões na casa de Plínio Doyle, os já famosos *sabadoyles*, em que escritores se encontram para falarem de tudo, inclusive de literatura. Uma espécie de réplica ao chá da Academia, só que bem mais aberta e bem menos solene. Hábitos simples e metódicos, que no entanto o obrigam a acordar sempre antes das sete, tendo dormido lá pelas duas da manhã, depois de ler um livro ou de ver um filme na TV.

— Meu pai costumava dizer: mocidade que não dorme e velhice que dorme demais são sinais de doença.

Escreve geralmente pela manhã, assim que termina a lenta e atenta leitura dos jornais. À tarde, uma volta talvez pelo bairro, talvez pelo Centro, cujo encanto, admite, perdeu-se há muito tempo.

— Já não há os cafés sentados, os anti-quários, as livrarias onde os escritores se encontravam no fim da tarde.

Anos atrás, era possível vê-lo quase todos os dias na Livraria São José, na rua do mesmo nome (“... esta rua é também uma praia, onde vão dar os volumes de bibliotecas que naufragaram...”). Volumes que podiam ser encontrados no grande sebo da esquina de Quitanda, desaparecido para que ali se instalasse uma casa de roupas para homens.

Sendo um pedestre convicto, que nunca teve carro, faz todos esses passeios a pé, ouvindo coisas, vendo, observando, anotando mentalmente tudo aquilo que poderá transformar-se em crônica.

**V**IRÁ dessas observações sua propalada sabedoria?

— Minha única sabedoria consiste em recorrer sempre aos dicionários, às enciclopédias. Não há um só dia em que eu não vá ao dicionário para saber se tal palavra se escreve ou não com doisesses. Considero-me, principalmente, um arquivista, um colecionador de informações. Trabalhando em jornal há 62 anos, sempre tive a idéia de que deveria saber de tudo, guardar tudo. Abrir pastas, armazenar recortes sobre todos os assuntos. Hoje sei que é impossível. Nem tenho espaço para isso.

Muita gente o procura, de estudantes a amigos escritores, na certeza de receber dele a informação desejada. O que geralmente se confirma, embora, modestamente, o poeta diga que não é bem assim. E quase sempre o tratamento que os desconhecidos lhe conferem é de doutor.

— Doutor? Em coisa alguma. Certa vez vi meu nome na lista telefônica com um dê-erre na frente. Telefonei reclamando, pedindo que no próximo ano fosse feita a correção. Assim, fui doutor por algum tempo, diplomado pela Telerji.

Nos passeios, o pior mesmo é a timidez. Morre de vergonha ao ser identificado na rua, o que explica em parte o seu ar fechado, sisudo, que tem aumentado tanta gente. Considera uma injustiça o classificarem de inacessível, de homem difícil de se achar e falar.

— Vivo dando sopa por aí, na rua, nas livrarias. E nunca me recusei a falar com ninguém. Você acha que quem pretenda se isolar vai ser membro dos conselhos da ABI e da SBAT, ou da comissão fiscal do Sindicato dos Jornalistas, comparecendo às reuniões?

As entrevistas à imprensa são outro assunto. Foge delas, em primeiro lugar, por achar que tudo que tem a dizer já o faz em suas crônicas. Mas — sem ressentimentos — lembra algumas experiências vividas com jornalistas tão empenhados em entrevistá-lo que acabaram cometendo pequeninas traições: o fotógrafo que lhe pediu para fazer uma foto dele e da

mulher, apenas para sua “coleção particular”, e publicou-a no dia seguinte, ou a repórter que se apresentou como estagiária de jornalismo, conseguindo assim entrevistá-lo. Uma outra, por ocasião dos 75 anos, rondou sua casa, falou com sua mulher, a empregada, o porteiro do edifício, mas não com ele. A matéria resultante dessa expedição saiu com inúmeras imprecisões.

— Nem mesmo o meu porteiro se chamava Manuel.

Conta essas passagens sem mágoa, com o ar de que, por compreender, aceita. É um homem extremamente preocupado com justiça, palavra que ao longo das entrevistas será repetida algumas vezes. Fica aterrorizado com a simples possibilidade de cometer uma injustiça:

— Sabe que já fui jurado? Que angústia! Veja você, sabendo que os inquéritos policiais são tão falhos, tão precários, ter de julgar alguém apenas pela frieza dos autos e pela lábia dos advogados.

Acredita ter herdado esse senso de justiça. O pai era fazendeiro, decidiu dividir ainda em vida todos os seus bens, um pedaço de terra para cada filho. Mais tarde, achando que cometera um equívoco, em prejuízo de um deles, refez tudo. Sustentava a família — mulher e 13 filhos — criteriosamente. Quando um dos rapazes lhe pedia dinheiro para algo supérfluo, um passeio, uma diversão, debitava na respectiva conta. Quando morreu, alguns dos filhos deviam ao espólio.

— Notei ali o seu espírito igualitário.

**C**OM tanto senso de justiça, nada mais natural do que jamais esquecer uma injustiça. É o caso de sua expulsão do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Os jesuítas podiam ser tolerantes com alunos ruins e até degenerados, mas não foram com ele no dia em que um professor deu-lhe uma nota maior do que achava merecer. Drummond reclamou, o professor disse:

— E só lhe dei essa nota por pena.

Escreveu uma carta exigindo que o professor lhe abaixasse a nota, dando-lhe a que realmente fosse justa. A carta foi classificada de desrespeitosa. E Drummond acabou expulso do colégio, num ato público, como os soldados desonrados:

— Levei tempo, muito tempo para superar aquilo.

Mas acha que as amofinações desse tipo foram muito poucas nesses 80 anos. Oitenta anos — e aqui o lugar-comum cabe — bem vividos.

— Quem não tomou os seus pileques, quem não fez suas farras, quem não se meteu em briga? Claro, sem guardar rancor. Quem não fez nada disso não viveu. Como diz o poeta: “Quem passou pela vida em branca nuvem...” Pileques, farras, mulheres, fiz tudo isso no devido tempo.

Recorda, divertido, alguns pileques memoráveis em que se fez acompanhar por amigos boêmios ilustres. Augusto Meyer, por exemplo.

— Posso dizer que nunca levei uma trompada da vida.

Nunca ou quase. Admite que uma doença na família por pouco não o desmorona. Problema hoje inteiramente superado.

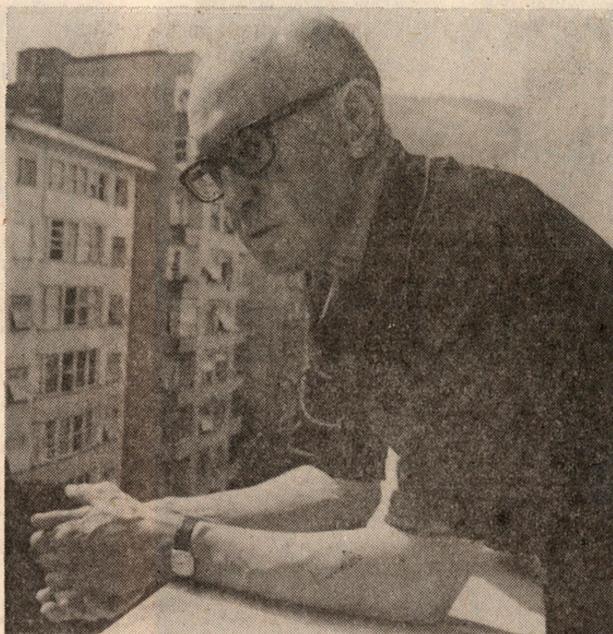
**T**RÊS netos, nenhum bisneto, o que o poeta não deixa de lamentar. O neto mais velho é advogado, o segundo dedica-se à Matemática, o caçula trabalha na Editora José Olympio. Suas palavras para com os três — para com os jovens em geral — são de ilimitada compreensão, atitude natural em quem, renovando-se a cada instante, rejuvenescendo permanentemente, não conhece barreiras etárias, choques entre gerações, ou algo parecido. Não é à toa que as pessoas o procuram, amigos e estranhos, velhos e jovens, pedindo conselhos e sugestões. A ele que, humildemente, não se considera sábio em coisa alguma.

Mas, se cabe dar conselhos, os dá. Como ao jovem desencantado de tudo, entregue a uma vida de autodestruição, que lhe disse:

— Eu não pedi para nascer.

Drummond ponderou:

— Não é assim que você deve encarar a coisa. De fato, você não pediu para nascer, mas foi-lhe dado esse direito, o direito de viver, de conhecer a vida, de descobrir-lhe as belezas, os encantos. Por que abrir mão de tudo isso?



Greta Garbo e Chaplin, dois de seus ídolos. Drummond constatou, ao rever um velho filme, que nem ela nem ele próprio são mais os mesmos. Em *Carlito*, acima de tudo, a ternura com que trata as mulheres e a sociedade



“O povo toma pileques de ilusão com futebol e carnaval. São estas as suas duas fontes de sonho.”

A poesia vale a pena? — Não sei se vale. Comecei a fazer poesia movido por um impulso interior, talvez inconsciente, para dar vazão a inquietações minhas e, de certa maneira, resolver o problema de inadaptação ao mundo que me cercava. Nasci numa cidade do interior, numa família provinciana de rígida formação moral, para a qual tudo era pecado. Isso me oprimia muito. A autoridade familiar, a autoridade religiosa, a autoridade social, tudo me inquietava. Acredito que tivesse alguma vocação literária, mas a poesia, para mim, era basicamente um modo de resolver meus problemas existenciais ou, por mais pretensioso que pareça, de me libertar de meus fantasmas, coisa que eu não conseguia dentro de minha vida pequeno-burguesa. Escrever era uma forma de me deitar no divã, de me autopsicanalisar. Naquele tempo, não havia psicanalista.

Drummond diz que muito cedo desenvolveu-se nele um sentimento de insubordinação às formas sociais e políticas vigentes. Sentimento que, de certa forma, perdura até hoje.

Logo manifestou-se em mim uma tendência ao anarquismo, cujas teorias desconhecia. Era um anarquista por puro instinto. Das minhas atitudes anti-sociais, sobretudo nos tempos de mocidade em Belo Horizonte.

Um parêntese na poesia para que o poeta recorde algumas dessas “atitudes anti-sociais”, repetida com amigos que, como ele, mais tarde se tornariam importantes nomes da literatura ou da vida pública. Drummond lembra, por exemplo, o dia em que foi aumentado o preço dos ingressos num cinema da capital mineira. Ele, Pedro Nava, sua turma de estudantes foram em grupo até a porta do cinema e começaram a depredá-lo. A polícia chegou, o delegado ordenou que soldados a cavalo investissem contra o grupo. A repressão, na época, era sempre feita pela cavalaria.

A polícia nos dispersou, mas, no dia seguinte, fomos até a casa funerária para comprar um caixão no qual pretendíamos fazer o enterro simbólico do delegado. O agente funerário não concordou. Fiz um pequeno discurso dizendo que o delegado estava “morto e insepulto”. O resultado é que o homem ficou furioso.

Dias depois, Drummond entra num bonde e, por coincidência, senta-se ao lado do delegado, que viajava com um amigo.

— Veja só, os delegados, naquele tempo, andavam de bonde. Pois bem, a certa altura, vendo-me ali ao lado, ele puxou do bolso um revólver, começou a bater com o cano na palma da mão e disse para o amigo: “Qualquer dia desses eu dou um tiro no traseiro de um desses garotos que andam fazendo o meu enterro”. Fiquei apavorado. Minha coragem, nos movimentos de rua, era a coragem da multidão. Sozinho, morria de medo. Saí dali e fui contar a história a Milton Campos.

Na primeira oportunidade, Milton, que conhecia o delegado, comentou com ele sua preocupação.

— Você é um homem valente, enquanto o Carlos pertence a uma família de terríveis jagunços, Temo que isso vá acabar em sangue.

Drummond conta o final da história:

— A partir daquele dia, o delegado passou a ter medo de mim e eu continuei a ter medo dele. Só muitos anos depois o Milton me contou como resolvera o problema. O amigo perfeito: para te salvar, te esconde uma verdade.

Passateas, depredações, incêndios. Um dia, ele e os colegas foram até a Lagoinha, expulsaram de um bonde o condutor e os passageiros, incendiaram o veículo e o puseram em movimento:

— Incrível aquele bonde em chamas, la-deira abaixo.

A amizade com as Bevilacqua, moças do Espírito Santo, cultas, inteligentes, modernas em relação às mineiras daquele tempo. Os rapazes da cidade frequentavam sua casa, onde se realizavam saraus de música e poesia. Eram moças bonitas, simpáticas, alegres.

— Um dia eu e o Nava resolvemos botar fogo nas roupas que estavam no varal da casa. Por quê? Por nenhum motivo em especial. Como o personagem de Gide, em *Les Caves du Vatican*, que resolve empurrar um sujeito para debaixo de um trem só para cometer um ato gratuito. É isso, o nosso foi um ato gratuito. As moças, ao verem a fumaça, saíram correndo de seus quartos, de camisola, pensando tratar-se de um grande incêndio. Depois correu o boato de que havíamos posto fogo naquelas roupas só para vermos as meninas de camisola. Eu e o Nava.

Placas arrancadas das ruas, de consultórios médicos, de casas comerciais (Drummond tinha uma coleção delas em casa), rolas atiradas ao chão para que os soldados a cavalo caíssem, toda sorte de coisas destinadas não só a quebrar a monotonia de Belo Horizonte de então como também para satisfazer as tendências anárquicas do poeta. Passeatas de caráter político, Drummond recordando seus gritos de jovem zangado:

— Morra Artur Bernardes! Morra o Dr Afonso Penna Jr!

Mais tarde, Afonso Penna Jr se tornaria seu amigo, inspirador mesmo de um de seus sonetos (“... o dom de compreender, que é dom de amar.”), mas na época, Ministro da Justiça, reagiu com uma frase: “Praga de urubu magro não mata cavalo gordo”. O urubu magro, naturalmente, era Drummond.

Um anarquista que, não sendo político nem religioso, acabou chegando ao ceticismo que o caracteriza até hoje.

— Claro, creio na amizade, na fidelidade, na probidade, na correção dos gestos e pensamentos. Mas discordo dos meios de que a sociedade dispõe para resolver seus problemas. Eu também não sei como os resolver, mas acho

que, além disso, a sociedade brasileira repousa sobre equívocos. É uma sociedade egoísta. Ainda que existam nelas, isoladas ou em pequenos grupos, pessoas notáveis, capazes de realizar grandes obras de sentido social. Ainda outro dia recebi carta de uma senhora amiga que, em tom veemente, falava-me de sua estranheza pelo fato de sermos 120 milhões de brasileiros e não existir um movimento nacional para protestar contra o fim de Sete Quedas. Como é espantosa a flacidez da opinião pública brasileira! Não há firmeza em nossas posições coletivas. Durante muito tempo a consciência do povo brasileiro parece ter ficado literalmente concentrada nas idéias e ações de um só homem: o Dr Heráclito Fontoura Sobral Pinto. Só ele protestava, escrevendo cartas ao Governo, reagindo, gritando.

E o povo?

— Ora, o povo só quer saber do Fla-Flu. Ou da Beija-Flor do Joãozinho Trinta. Não que eu tenha alguma coisa contra. Pelo contrário, gosto do Fla-Flu e do Joãozinho. Mas o povo toma pileques de ilusão com futebol e carnaval. São estas as suas duas grandes fontes de sonho.

De volta à poesia, Drummond acentua que ela sempre foi, mesmo, uma solução, uma forma de resolver todas as suas inquietações.

— Minha filha, mostrando meus poemas a uma amiga, psicanalista argentina, ouviu dela o comentário de que eu tinha realmente me autopsicanalisado através da poesia. Conciliei, escrevendo, minha índole conflitante e a minha vocação literária. Com o tempo, fui-me integrando ao mundo, embora sem fazer concessões, nem ir à rua atirar bombas. Mas, aqui entre nós, o que eu gostaria mesmo é de atirar uma bomba. Não uma bomba como a do Riocentro, abjeta. Mas uma bomba decente, geral.

Nada toca mais Drummond do que receber carta de um leitor desconhecido, de uma pessoa que diz ter encontrado, em seus escritos, algo que o reconforte num momento de angústia.

— Tome nota: se você expressa em literatura uma vivência real, o que você escreve acaba tocando qualquer pessoa que esteja passando pela mesma vivência. Confortar não é dizer: “Não se aborça, isso passa...” A exposição literária de um estado de inquietação, amargura, tristeza, desalento, a uma pessoa que sente a mesma coisa, traz a esta pessoa a certeza de que ela não está só. Nossas experiências nunca são únicas. Esta afirmativa de que quem está triste deve ler coisas alegres para se distrair é falsa.

DRUMMOND volta aos seus poemas como forma de catarse. Observa que grande parte deles — justamente os que nasceram de forma desalentada, descrente, amarga — começa de uma forma e termina de outra. Os primeiros versos traduzem o estado de espírito do poeta, seu ceticismo, sua negação das coisas, mas à medida que o poema avança ocorre uma espécie de libertação, para terminar, sempre, numa abertura.

— Veja o caso de José.

De fato, a releitura do famoso poema confirma: “E agora, José? A festa acabou...”, dizem os primeiros versos. Para terminar: “Você marcha, José! José, para onde?”

— Escrever é uma grande terapia. Como pintar ou ouvir música. Nise da Silveira tem feito um trabalho magnífico junto aos seus doentes, levando-os a pintar. Para mim, a literatura foi muito mais um meio de exteriorização de angústias do que uma forma de obter sucesso. E o que é o sucesso? Aqui, entre nós, o sucesso literário depende muito da moda. Poesia? Moda? Tudo isso passa com o tempo. Os poetas são esquecidos, raros permanecem. Não acredito na literatura como meio de salvar o mundo. Acredito, sim, que a obra literária eventualmente possa salvar alguém.

# Cinema teatro, TV, literatura, em tudo a pornografia ocupa o lugar do erotismo, “que é santo!”

UM pouco pelo desconforto de sair de casa, um pouco porque os espetáculos raramente o atraem, Drummond quase não vai ao cinema ou ao teatro. Prefere os filmes tardios da televisão, reprises muitas vezes reveladoras como aquela em que, na pele de Cristina da Suécia, Greta Garbo veio dizer-lhe que nem ela, nem ele eram os mesmos de antigamente.

— Ah, essas reprises... — diz entre nostálgico e divertido.

Não é segredo sua velha paixão por Greta Garbo. Uma paixão que já o fez manter com Vinicius de Moraes — ele pelo *Correio da Manhã*, Vinicius por *Última Hora* — uma polêmica em torno de dois mitos do cinema.

— Vinicius era fã de Marlene Dietrich, de modo que, em nossas crônicas, defendíamos cada qual sua favorita. Um dia ele falava das qualidades que faziam de Dietrich a maior, no outro eu reivindicava essa primazia para Greta. Até que numa de suas crônicas Vinicius narrou um episódio que teria presenciado, num bar dos Estados Unidos, envolvendo Garbo de maneira bastante desabonadora. Eu, que nunca tinha saído daqui, não pude refutar. O mais que fiz foi convocar reunião de uma imaginária Sociedade dos Amigos de Greta Garbo para desagravá-la. Só muito depois Vinicius confessaria que a história era pura invenção.

Mas inventar, tratando-se de Greta Garbo, não chega a ser pecado mortal. Nem privilégio de Vinicius. O próprio Drummond escreveria uma crônica (*Garbo: Novidades*, incluída em *Fala, Amendoeira*), para contar a breve e incôgnita passagem da atriz sueca por Belo Horizonte, em 1929, da qual só ele e Abgar Renault foram testemunhas. Os dois saíram com Garbo pela cidade (ela de óculos escuros, disfarçada), seguiram-na em seus passeios, naturalmente emocionados, e depois guardaram a sete chaves — e por 26 anos — o segredo do qual nem Capanema, nem Emílio Moura, nem Milton Campos tiveram conhecimento. Os amigos acompanharam intrigados “aquela relação estranha”, os dois dizendo tratar-se de uma certa Miss Gustafsson, naturalista em férias na capital mineira. Na crônica que enfim revelava o segredo, Garbo é descrita com absoluta fidelidade, a figura feminina, estranha e seca, “pisando duro em sapatos de salto baixo” a repetir, com a voz grave o seu inesquecível “*I want to be alone...*”

**H**OUVE quem acreditasse que o episódio era verdadeiro. Pompeu de Souza, diretor do *Diário Carioca*, procurou-me para perguntar porque eu não lhe vendera a história com exclusividade. Na crônica eu dizia que Greta Garbo, ao ver no Grande Hotel de Belo Horizonte um menino de dois anos, recém-chegado da Bahia com a família, apontara para ele, dizendo: “É poeta”. E que o menino, agora, era nada menos do que Van Jafa. O vaticínio, portanto, se confirmara. Jafa ficou muito feliz. Veja você o que uma mentira escrita em jornal pode causar.

Como explicar o fascínio por Greta Garbo?

— Uma mulher fabulosa. Sua figura física já era estranha: longilínea, sorriso misterioso. É por isso que digo que essas reprises de televisão são uma coisa dolorosa. Ao reencontrá-la em *Rainha Cristina*, nem a vi como era, nem a vi a mim mesmo como eu era.

Drummond confessa que, mesmo considerando o comodismo, a dificuldade de condução, a violência das ruas e o desconforto dos cinemas, o principal motivo de ficar em casa é outro:

— O cinema mudou muito. Tudo, hoje, são efeitos especiais, a tecnologia produzindo grandes catástrofes, incêndios, naufrágios, terremotos. Quem quer ir ao cinema para ver catástrofe? Sei que hoje em dia se dá muita importância aos diretores. Não nego essa importância, mas no meu tempo o que se cultivava era o mito do ator. Lubitsch podia ser um excelente diretor, mas quem iam ver, mesmo, era Pola Negri.

Além de Garbo e Negri, a preferência pelas comédias.

— As que mais se agradavam eram as de dois rolos. Sabe do que se trata? Bem, havia os filmes de longa metragem, de cinco rolos. Entre um rolo e outro, fazia-se um intervalo, acendiam-se as luzes. Mas era das comédias de dois rolos que eu mais gostava, o Gordo e o Magro, Carlito.

**T**ANTO o Gordo e o Magro como Carlito, além de outros personagens do cinema silencioso, Chico Bóia, Asta Nielsen, já mereceram versos de Drummond (“E lá se foi o Gordo, enquanto o Magro circula a esmo...”) Carlito, então, está presente em mais de um poema, um muito antigo (“Meu bem, não chores, hoje tem filme de Carlito!”), outro de *A Rosa do Povo* (“O mito cresce, Chaplin, a nossos olhos feridos do pesadelo cotidiano...”), um terceiro mais recente (“O Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode caminham numa estrada de pó e esperança.”)

— Carlito é um símbolo tão vidente. A atitude de anarquista, a negação dos valores constituídos, a polícia, a autoridade. E que riqueza lírica! Como era amoroso, que culto admirável às mulheres! No cinema, é claro, pois na vida real sabemos que era muito diferente. Havia ternura em sua forma de tratar tanto a mulher como a sociedade.

Sinceramente, estes Woody Allens de agora são uns chatos.

Um poeta capaz de escandalizar leitores puritanos que não lhe entendem a poesia — o futuro secretário de um ministro a propor... sejamos pornográficos (docemente pornográficos)! — não chega a se escandalizar, mas discorda da pornografia no cinema, nas artes em geral.

— Os cinemas exibem cartazes anunciando: “Filme pornô”. Como se isso fosse uma qualidade. Não é. Sei que a pornografia está inserida na vida social de hoje. Mulheres e crianças tornaram-se íntimas dos palcos, a nudez desfila pelas ruas. Contudo, acho que a pornografia está tomando o lugar do erotismo, que é santo. A pornografia está no teatro, no cinema, em tudo. Infiltra-se detestavelmente na literatura. Hoje em dia, qualquer escritor que se preza (ou não se preza) tem de recorrer à pornografia.

No caso específico do cinema Drummond cita o exemplo de *Cabará Mineiro*, cuja música-título foi composta por Tavinho Moura sobre poema seu (“A dançarina espanhola de Montes Claros dança e redança na sala mestiça...”). Drummond escreveu que era pornográfico e estranhou que a Embrafilme o tivesse financiado. Não gostaram, negaram que fosse pornográfico, lembraram os inúmeros prêmios ganhos pelo filme em festivais.

— Ora, o próprio folheto que acompanha o disco com a trilha sonora (mostra a capa) classifica o filme de pornográfico.

**N**ÃO se trata de moralismo, apressa-se o poeta em esclarecer:

— Todos nós temos a nossa fase pornográfica, geralmente na adolescência. Eu mesmo até hoje gosto de ouvir ou contar uma anedota, de dizer um palavrãozinho. Deve haver alguma coisa de errado com quem não gosta. Mas prefiro o erotismo à pornografia. Já leu *A Ilha dos Pinguins*, de Anatole France? Era uma ilha onde todos andavam nus. Um dia, apareceu por lá uma mulher vestida. E os homens, loucos, saíram correndo atrás. Acho que, se uma freira pisasse as areias de Copacabana numa manhã de sol, faria o maior sucesso com os rapazes. Para mim, isso é o que dá o nome de “abertura sexual” é pura safadeza.

Já o erotismo, garante Drummond, é outra coisa:

— É uma tradição da literatura. Paul Verlaine escreveu lindos poemas eróticos. A portuguesa Natália Correia, a quem o salazarismo tanto perseguiu, organizou uma notável antologia. Também escreveram poemas eróticos Teophile Gautier, Pierre Ronsard, tantos outros, e o nosso Bandeira. Conhece *O Pente*?

Drummond também poderia incluir-se em tão ilustre galeria, autor que é de poesias eróticas, uma ou outra já publicada esparsamente na imprensa. Mas o que poucos sabem é que ele já tem muitas delas escritas, datilografadas, revistas, indexadas e reunidas sob o título *O Amor Natural*, prontas, portanto, para virarem livro. Quando?

— Nunca. Não pretendo publicá-las. Antes, não ficava bem, era coisa imprópria. Agora, tudo mundo escreve ou pensa escrever sobre erotismo, virou moda.

**C**OMO se prevendo que dissessem: “Puxa, depois de velho o Drummond deu para isso!” Mas os poemas nem de longe se parecem com pornografia ou obra de velhice. Escritos ao longo dos anos, têm uma mocidade e uma delicadeza que tornam injustificada a preocupação do poeta. Lidos na íntegra, em voz alta, pelo próprio Drummond, imbuem-se de tocante nobreza. Mais que poemas eróticos, são, na verdade, cantos de amor: “Amor, amor, amor — braseiro radiante que me dá, pelo prazer do orgasmo, a explicação do mundo”. Líricos às vezes, arrebatados outras, o humor sempre dosado: “Para repousar do amor, vamos à cama.”

— Nestes poemas — tenta, desnecessariamente, explicar — procuro tratar a relação física com a maior dignidade.

No teatro e na televisão, não são os efeitos especiais ou a pornografia que o mantêm a distância.

— O teatro brasileiro atual não me comove. Pelo pouco que vejo e pelo muito que leio, principalmente o que escreve o Yan Michalsky. Não é um teatro dos mais criativos, dos mais fecundos. Não aborda conflitos humanos profundos, não se ocupa de análises sociais sérias. E a quantidade literária, esta, então, como deixa a desejar!

Quanto à televisão, Drummond adverte logo não ser um escravo do vídeo, desses que ficam sentados diante do aparelho aguardando que apareça algo de bom. Prefere ficar no escritório, escrevendo, lendo, ouvindo música. Só quando há alguma coisa que o interesse, um programa humorístico, determinada entrevista, música clássica pela TVE, aí sim, aproxima-se da televisão. Mas o que mais vê, mesmo, são os filmes.

— Talvez seja coisa de velho, não sei. Depois que consegui vencer a resistência inicial à dublagem (o nacionalismo em arte, definitivamente, é uma bobagem), passei a ver os filmes da televisão. *Morte em Veneza*, por exemplo. Ou *A Noite dos Desesperados*. Gostei muito desses filmes. *Novela*? A não ser por uma ou outra cena, um daqueles dós de peito de Fernanda Montenegro, ou uma passagem em que aparece Joana Fomm (que mulher interessante!), não tenho paciência para ver novelas.



Um leitor obsessivo de tudo, jornais, revistas, livros, muitos livros. E um artista que acredita na interligação entre as artes, poesia, cinema, teatro, música

“**A** poesia é a música das grandes almas”, disse Voltaire (talvez adivinhando que um dia haveria Drummond)

Um apaixonado pelas músicas barroca e medieval, cujo gosto pelos clássicos vai até Brahms (“Daí em diante meus ouvidos não acompanham mais”) e pelos populares se afina, principalmente, pela arte de um Cartola, um Paulinho da Viola, Drummond sentia:

— A música é uma forma de sensibilidade poética.

Mais do que uma definição, a afirmativa talvez contenha a própria explicação do poeta para o fato de serem tão estreitas e frequentes as relações da música — erudita ou popular — com a sua poesia.

Foi em 1926 que Villa-Lobos, sem conhecer Drummond, compôs uma seresta sobre os versos de *Cantiga de Viúvo* (“A noite caiu em minh'alma, fiquei triste sem querer...”). Desde então, vários compositores de Frutuoso Viana e Francisco Mignone a Milton Nascimento e Tavinho Moura, têm seguido o exemplo do autor das *Bachianas*. Ao contrário de outros poetas maiores — Manuel Bandeira, por exemplo, que fez com Ari Barroso o fado *Portugal, Meu Avozinho* — Drummond nunca escreveu letra, isto é, poesia especificamente para música. Os compositores é que lhe têm musicado os versos, atraídos pelo ritmo e pela melodia que há neles.

Respondendo a um questionário que lhe foi feito, meses atrás, pela publicação paulista *Caderno de Música*, o poeta esclarece:

“Nunca tive entendimento com músicos sobre aproveitamento musical de poesias minhas. Por temperamento, sou avesso a solicitar ou sugerir a conversão de trabalhos meus em composições musicais. Por sua vez, os compositores que me honraram com suas escolhas jamais me consultaram a respeito. Devo confessar que, se consultado, não teria condições de prestar colaboração valiosa, pois me falta imaginação bastante para conceber o texto poético em outro invólucro sonoro que não o da simples palavra pronunciada vulgarmente”.

ALÉM disso, acrescenta agora, é ele um ser muito pouco musical, no sentido de jamais ter sido capaz de transformar em algo mais concreto — composição, execução de algum instrumento, estudo teórico — o seu gosto pela música. Uma incapacidade, segundo ele, de família, pois em casa, mesmo havendo dois pianos, ninguém aprendeu a tocar.

— Era um piano para cada irmã — lembra ele. — Vivíamos então o tempo da pianolatria. Aliás, Olavo Bilac escreveu uma crônica maravilhosa a respeito. O som que hoje vem do rádio ou da televisão, antigamente vinha do piano.

Música e poesia:

— Desde cedo fui levado a ouvir a melodia do verso. Eu me perguntava: “O que é que me encanta na poesia?” Descobri que os elementos rítmico e melódico eram fundamentais. Não há poesia sem ritmo. O fato de um poema não obedecer a métricas tradicionais não quer dizer nada. Um verso, mesmo sem sentido algum, pode ser bonito, desde que as palavras estejam harmoniosamente combinadas. A beleza tanto pode estar nessa harmonia como nos sons que ela produz. Ou mesmo na monotonia da repetição. A função do poeta é justamente achar as palavras certas e combiná-las de forma que produzam um efeito agradável aos ouvidos.

O agenciamento das palavras, segundo o poeta, pode de fato produzir efeitos extraordinários.

— Não creio que a poesia se aprenda nos compêndios. A todo poeta jovem que me pede uma sugestão, um livro que o ajude a começar, aconselho a leitura de *A Arte do Poeta*, de Murilo Araújo, infelizmente há muito esgotado. De qualquer forma, os livros ajudam só até certo ponto.

Drummond acredita que continue muito difundida a idéia de que qualquer um pode escrever versos.

— Todo mundo pensa que pode fazer poesia. Hoje mais do que antes. O modernismo foi um pouco responsável por isso, à medida que, ao lado da liberdade que passou a

dar aos poetas, criou nas pessoas, de um modo geral, a impressão falsa de que ficara mais fácil escrever poesia, agora que a métrica, a rima, as regras acadêmicas tinham sido postas de lado.

Mas em todas as épocas — antes e depois do movimento modernista — fazer versos é mania de quase todo mundo, aquela história de “músico, poeta e louco...” Drummond volta no tempo para antes de 1922:

— Havia o soneto, esta forma admirável. No entanto, muito de ruim se produziu em matéria de soneto. Claro, só os bons ficaram. E os bons sonetistas não têm culpa da existência dos maus sonetos. Com a trova passa-se o mesmo. A redondilha é o verso natural justamente por sua musicalidade. Todo mundo faz, ou pensa que faz. Mas poucos têm a qualidade, por exemplo, das trovas satíricas de Djalma Andrade.

E recita:

“Não te casas por amor,  
Só te casas por dinheiro,  
Tu pensas como teu pai,  
Que morreu velho e solteiro.”

DRUMMOND diz nunca ter feito letra para música porque prefere fazer versos espontaneamente, sem obedecer a nenhuma exigência prévia, o que não lhe seria possível se tivesse de seguir uma fórmula imposta por determinada linha melódica. Mesmo assim, lá estão seus versos vestidos de melodias várias, independente de sua vontade. Só para José ou *No Meio do Caminho* há três ou quatro composições musicais diferentes.

— Isso me permite avaliar a diversificação que meus poemas produzem nos compositores. De qualquer forma, o fato de alguém musicar um poema meu me deixa feliz. Vejo que minha poesia tocou o compositor. E se ele viu em meus versos matéria transformável em música, eis aí algo muito confortador.

Novamente música e poesia:

— Acho formidável o que conseguiu Vicius de Moraes, um poeta culto, aristocrático, que conseguiu atingir o povo, ser cantado por todo mundo. O trabalho que ele realizou com Tom Jobim e depois com Toquinho me parece o ideal, músico e poeta integrados, música e poesia nascendo ao mesmo tempo.

Além de Vicius, Cartola, Paulinho da Viola, as preferências de Drummond, em música popular, não se prendem a um só estilo. Há a já confessada identificação com Chico Buarque, a admiração por Martinho da Vila (que transformou *Sonho de um Sonho* no melhor samba-enredo do carnaval de 1981), Tom Jobim, Caetano, Gil, Noel. Volta a falar em Cartola:

— Que sujeito delicado, que poeta espontâneo. Grandes são estes compositores do povo, semi-alfabetizados, incultos, instintivos, capazes de produzir coisas lindas. A música e a poesia habitam neles.

MAS Drummond faz questão de dizer que tais opiniões não são as de um expert. Como seriam, por exemplo, as de três grandes poetas que realmente podiam falar de música com conhecimento: Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Mário de Andrade, este, além de tudo, professor.

— Bandeira tocava violão e piano. Sabia tudo sobre o violão, embora tenha perdido aquela discussão com o Hermínio Bello de Carvalho, pela revista do Lúcio Rangel (*Revista da Música Popular*). Murilo chegava a ser um obcecado. Ouvia Mozart com a cabeça entre as mãos, imóvel, como se meditando profundamente. Mário de Andrade teria sido um grande pianista. Ficou muito abalado com a morte de um irmão, as mãos tornaram-se trêmulas, e isso afetou irremediavelmente a sua técnica.

Música, poesia, as artes interligadas.

— Sempre acreditei na formação artística global, nada comum no meu tempo. É importante a integração entre as artes, a poesia, a literatura, a música, as artes visuais. É possível encontrar-se poesia numa sonata, música num poema, plástica em qualquer obra literária.



Os anos de vida burocrática ficaram para trás, guardados entre as colunas do MEC. É daquele tempo o convívio com muitos artistas, um deles Portinari, que o retratou admiravelmente em 1936

## Onze anos de vida burocrática, Getúlio, Capanema, Rodrigo. Tempos complicados e divertidos

— AQUELE foi um tempo entre complicado e divertido.

É assim que Drummond se refere aos onze anos passados como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde de 1934 a 45. Não tendo nascido para a vida burocrática — e sendo dono de um temperamento inquieto, anti-institucional por natureza — teve de dobrar um pouco para ser um fiel e eficiente colaborador de Capanema, amigo de juventude. Ao lembrar aquela época, aproveita para fazer dois reparos. Um, aqueles que falam da “grande influência” por ele exercida junto ao amigo Ministro em benefício das artes. Portinari, Villa-Lobos, Bruno Gorge, Celso Antônio, importantes artistas estiveram ligados ao Ministério da Educação e Saúde durante aqueles onze anos.

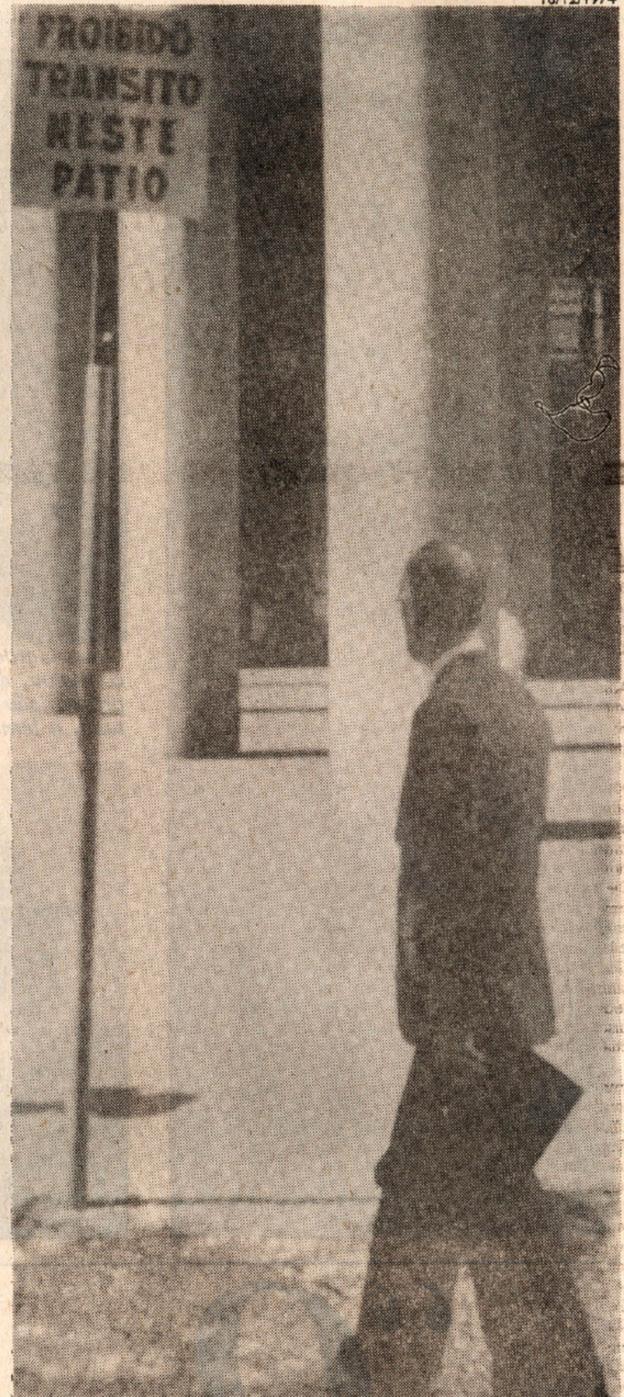
— Mas eu tive muito pouco a ver com isso. Minha função, na verdade, era estritamente burocrática. O próprio Capanema cuidava da parte cultural. E se incumbia de suportar minhas impertinências em relação ao serviço público. Eu havia trazido de Minas uma noção um tanto rígida de dever. Levava as coisas a sério, achava que devia trabalhar e os outros também. Só que nem todos pensavam assim, nem todos trabalhavam. Capanema, muito flexível, cordato, sabia lidar com tudo isso.

Que se lembre, apenas uma missão ligada às artes: a compra de um quadro de pintor nosso para ficar em lugar de destaque no salão de uma representação diplomática brasileira nos Estados Unidos.

— Fui à casa de Portinari e comprei um de seus quadros. Dez contos, muito dinheiro na época. Capanema gostou muito, era uma pintura representando o café. Mas o pessoal da representação diplomática ponderou que, no quadro, só havia negros. E que isso talvez não ficasse bem num país como os Estados Unidos. O quadro acabou não indo. Ironicamente, tempos depois, seria premiado numa exposição em Pittsburg.

Outro reparo diz respeito às suas ligações com o Estado Novo, volta e meia lembrada, ranzinzamente, por um ou outro biógrafo:

— Não tive ligações com o Estado Novo. Quer dizer, meu trabalho no Ministé-



Os problemas da vida burocrática nem sempre foram tão graves. As vezes, Drummond tornava-se vítima de pequenos mal-entendidos que só a ele aborreciam. Como no dia em que apareceu em seu gabinete um deputado do Espírito Santo, querendo ser atendido na frente dos outros. O funcionário que o recebeu disse-lhe que teria de aguardar sua vez.

— Pois mande dizer ao Dr Drummond que sou um representante da nação.

O funcionário transmitiu o recado, ao que Drummond, pensando tratar-se de um repórter de *A Nação*, respondeu.

— Faça o favor de dizer a ele que nem que fosse do *Correio da Manhã* eu o deixaria furar a fila.

O deputado retirou-se furioso, fazendo ameaças, e só graças à interferência de um amigo comum, Francisco Gonçalves, o caso foi contornado.

Afastado do Ministério por motivos políticos — com a queda de Getúlio, caiu todo o Ministério — Capanema arranjou-lhe um lugar junto a Rodrigo Melo Franco de Andrade, no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Com o mesmo salário que recebia no Ministério, o que significa dizer um salário superior ao de Rodrigo, que não aceitou.

— Rodrigo, outro grande amigo. Ensinou-me a ser mais tolerante e paciente com a inépcia de certos setores do serviço público. Ele não dava ordens, não se perdia em exigências. E se os outros não faziam o seu trabalho, Rodrigo fazia-o por eles.

OS funcionários chegavam com documentos — memorandos, avisos, requerimentos — que eles mesmos tinham redigido. Rodrigo lia-os, dizia “muito bem” e depois, ou fazia profundas correções, ou simplesmente os redigia de novo, de ponta a ponta. Luís Jardim, que na época também trabalhava no Patrimônio, um dia confidenciou a Drummond:

— Quando leio os ofícios que entreguei para o Rodrigo assinar, vejo que, de meu mesmo, só tem o “excelentíssimo senhor” e as “respeitosas saudações”.

Rodrigo, lembra Drummond, tinha um jeito elegante, formal, sofisticado de falar. Não importava o assunto ou a circunstância, não perdia o aplomb. No dia em que os alemães invadiram Paris, um funcionário do Patrimônio chegou com a edição extra de um jornal, as manchetes falando de uma França dominada, “as botas de Hitler marchando sobre os Champs Elisée”. Rodrigo, Jardim, Drummond, outros funcionários inclusive uma diretora muito educada, com a qual todos tinham certa cerimônia, ficaram tristes, abatidos, em silêncio. Até que Rodrigo virou-se para a funcionária, sério, grave, e disse:

— Colenda diretora, estamos f...  
— Como, doutor? — espantou-se a funcionária.

— É o que eu lhe digo: estamos f...  
Drummond sorri ao recordar outras passagens ligadas a Rodrigo.

— Guardo dele uma profunda saudade

rio, por amizade a Capanema, nada teve a ver com a política. Eu apenas carregava o peso pesado da burocracia, não tinha de substituir o Ministro, nem de despachar com Getúlio. Minhas ligações com o Catete se faziam através de Queirós Lima, diretor da secretaria da Presidência, também meu amigo. Nada de política. Fui chefe de gabinete de Capanema desde 1934, de modo que, quando se deu o golpe de 37, Capanema continuou, e eu com ele. Não me parece que o fato de alguém ter trabalhado para o Governo, por exemplo, durante os anos Médici, significasse necessariamente que esse alguém tenha servido à ditadura.

Com Getúlio, apenas dois ou três encontros. Um deles na Livraria São José, no lançamento de um livro de discursos do Presidente. Quando este o viu, sorriu e cumprimentou-o:

— Olá, Drummond, não o tenho visto ultimamente.

E ele, sempre muito desligado:

— Eu também não o tenho visto ultimamente, Presidente.

Havia a *Revista de Cultura Política*, publicada pelo DIP. Drummond faz questão de acentuar que jamais colaborou nela. Embora procurasse manter-se afastado da política, nem sempre foi possível. Recorda a concorrência aberta por Capanema para a construção do novo edifício do Ministério. O vencedor foi o arquiteto Arquimedes Memória. Mas Capanema não gostou do projeto, achou-o muito acadêmico. Foi até Getúlio e este o apoiou na decisão de pagar o prêmio sem usar o projeto. Foi então que Capanema contratou a equipe que realizou o atual Palácio da Cultura, Lucio Costa, Oscar Niemeyer e outros. Arquimedes Memória, integralista, ficou indignado. Escreveu uma carta a Getúlio dizendo que, por ter o Ministério contratado aqueles arquitetos, Capanema e Drummond eram “comunistas e negociatas”.

— Mais tarde, uma revista chamada *Nação Armada*, veja você que título, publicou um artigo dizendo que o edifício era obra de uma arquitetura comunista. Que visto de cima tinha a forma de uma foice e um martelo. Capanema teve de se explicar com o Dutra, Ministro da Guerra.

# “Como cronista procuro apenas amenizar um pouco o aspecto trágico, sinistro, do mundo em que vivemos”

**P**REFERE que o chamem de poeta (“Não sou um escritor na acepção literária da palavra, mas alguém que fez da poesia a sua saída...”), mas que o vejam como jornalista, dos mais antigos em atividade no Brasil. Sobre essa antiguidade, diz:

— Somos os mais antigos, o Alceu Amoroso Lima escrevendo para jornal há 64 anos, eu há 62, Barbosa Lima Sobrinho há 61, e o Austregésilo de Athayde... há quantos?

Mais do que um jornalista, é um leitor obsessivo de jornal, daqueles que lêem literalmente todos, da primeira à última página, sem saltar nada, o noticiário da cidade, a internacional, a política, as cotações da bolsa, o esporte, as colunas especializadas. De tudo está informado, de tudo guarda uma opinião. Aliás, faz questão de dizer que seu gosto pela literatura começou com a leitura dos jornais. Especificamente a velha *Gazeta de Notícias*, que durante o tempo da campanha civilista era consumido pelo pai e toda a família com grande interesse, os discursos de Rui, os fatos ligados ao Marechal Hermes.

— Tinha apenas sete anos e já me inteirava desses episódios, que todos comentavam com entusiasmo. Defendia-se a República... coisa curiosa, hoje ninguém fala em República, que é uma coisa precisa, definida. Fala-se muito em democracia, coisa vaga, informe.

Drummond diz-se rigorosamente convencido de que a notoriedade que possui hoje diminuiria muito se deixasse de escrever em jornal. Seria o caso de recordar que poucos poemas seus tiveram a repercussão do que ele publicou no JORNAL DO BRASIL, há seis anos, falando de seu desencanto em relação à cidade de sua juventude (“Sos-sega, minha saudade. Não me cieras outra vez o impróprio convite. Não quero mais, não quero ver-te meu Triste Horizonte e destroçado amor...”) Cópias do poema foram distribuídas nas ruas de Belo Horizonte, a cidade quase parou para que a população, versos de Drummond nas mãos, tomasse conhecimento de que no desencanto do poeta estava a própria consciência mineira de que Belo Horizonte, afinal, decaía.

— Sinto em mim uma vocação de jornalista que não se realizou plenamente.

**U**MA vocação que o levou a ensaiar os primeiros passos na profissão no *Diário de Minas*, do qual chegaria a redator-chefe. São ternas as lembranças daquele tempo, dos amigos que fez, dentro e fora do jornal, Gustavo Capanema, Mário Casassanta, Milton Campos, Pedro Nava, Martins de Almeida, Gabriel Passos. Amigos que foram — praticamente todos — homenageados em prosa e verso por Drummond. Como Alberto Campos (“... a criatura injusta que há em mim amava em Alberto Campos o homem cuja balança era desigual, mas cujos pesos eram incorruptíveis, porque ele pesava com o espírito.”), ou Abgar Renault (“... sente-se que, como a vida, ele está em movimento, mesmo no escuro deste amargo black-out.”), ou Emílio Moura (“... consegue extrair de todos, os mais secos e os mais indiferentes, um imenso amor.”).

Amigos como Afonso Arinos, que em suas lembranças daqueles dias, em *Diário de Bolso Seguido de Retrato de Noiva*, se queixa de seu redator-chefe: “O severo Drummond me oprimia, obrigando-me a improvisar rodapés assinados”.

— Mas não era bem assim. De fato eu exigia muito dele. Primeiro, porque era filho de um homem importante, Afrânio de Melo Franco, e eu não queria que os outros colegas da redação imaginassem que ele tinha privilégios. Depois, e principalmente, porque o Arinos já era muito brilhante, e nada mais lógico que as melhores matérias fossem parar em suas mãos.

No *Diário de Minas*, Drummond, Arinos, Emílio, João Alphonsus aproveitavam para fazer a campanha modernista.

— A parte política, tendenciosa, apoiava, naturalmente, a Aliança Liberal.

Sempre gostou muito de jornal, do ambiente das redações, da vibração de viver a notícia intimamente. Mesmo na Belo Horizonte daqueles dias pacatos, em que muito pouca coisa acontecia. Os jornais, para quebrar a monotonia, inventavam histórias, como aconteceu com *O Estado de Minas*, responsável pela lenda da moça-fantasma, que Drummond também transformou em poesia (“Eu sou a moça-fantasma que espera na Rua do Chumbo o carro da madrugada...”).

**N**O Rio, começou escrevendo em *O Jornal*, levado por Peregrino Júnior. Crônica, principalmente (“O poeta Carlos Drummond de Andrade estava destinado, par un decret des puissances, a escre-



Nele, a combinação rara de delicadeza e humor

ver crônicas...”). Depois, Álvaro Lins convidou-o para o suplemento literário do *Correio da Manhã*, onde, em 1954, Paulo Bitencourt transformou-o em cronista diário.

São muitas — como acontece com todos os que passaram pelo velho *Correio da Manhã* — as lembranças dos Bittencourt.

— Primeiro, o Edmundo. Contava o Prudente de Moraes, neto, que um dia entrou na redação, sério, e surpreendeu o Bastos Tigre sentando sobre uma mesa, contando piadas obscenas. Quando Bastos Tigre, muito sem jeito, ia-se desculpar, Edmundo tranqüilizou-o: “Fique à vontade, fique à vontade. Isto aqui é uma casa americana!” De outra feita, Edmundo entra de novo na redação e encontra Bastos Tigre na mesma posição. Amarra a cara, sai zangado e bate a porta de sua sala. Minutos depois, abre-a para uma explicação: “Tigre, nem sempre isto aqui é uma casa americana!”

Em certa época Drummond se correspondia com um leitor muito especial, um sujeito que cumpria pena na penitenciária, e se jurava inocente. Valendo-se de sua amizade com Milton Campos, então Ministro da Justiça, Drummond pediu-lhe que fizesse algo pelo sujeito.

— Dias depois Milton me informou que se tratava de um caso difícil. O homem, condenado por crime continuado, tinha uma teoria complicada: achava que praticar vários delitos idênticos era como espirrar várias vezes numa só gripe. E, portanto, só merecia uma pena.

**S**EM saudosismo, apenas por constatação, Drummond acha que o jornal é muito subestimado hoje em dia.

— Injustamente subestimado. Enquanto a televisão nos transmite uma impressão instantânea, o jornal prolonga o espetáculo, dá continuidade ao fato. Você pode ir ao jogo no Maracanã e rever os lances à noite na televisão, mas nunca dispensa o comentário dos jornais, no dia seguinte. É assim com tudo, o fato policial, a política, tudo.

Mas também em relação ao jornalista que é, há 62 anos, Drummond não se dá muito importância. Ao contrário do que pensa dos artigos de Tristão de Ataíde:

— O Alceu, um jovem de 89 anos, é que escreve sobre coisas sérias. Quanto a mim, dou cambalhotas.

Partilharia o poeta da opinião dos que vêem na crônica um subgênero?

— Nem tanto. Mas há quem exagere na importância que confere à crônica. Não se trata, propriamente, de um gênero literário, mas de um gênero litero-jornalístico. É evidente que, vez por outra, o cronista pode ter lampejos literários. Mas, de 100 crônicas que escrevo, no máximo 20 merecem chegar a livro. O resto são fatos do dia, coisas de circunstância, efêmeras. No meu caso, como cronista, sou apenas alguém que procura amenizar um pouco o aspecto trágico, sinistro, do mundo em que vivemos.

Mas também não está exagerado afirmar que muito de sua notoriedade se deva às crônicas em jornal? O que dizer do fato de seus poemas serem conhecidos de cor, de merecerem o carinho ficarem guardados em lugar de destaque de toda sorte de gente, inclusive emoldurados e pendurados na parede, como o quadro de um pintor famoso?

**-I**SSO acontece com todo mundo. Não vê o Vinicius com aquele seu famoso verso: “Mas que seja infinito enquanto dure”. O Nelson Rodrigues teve muitas de suas frases consagradas. O Ledo Ivo inventou o “chato de galocha”. Acontece com todos. Pensando bem, do que fiz só duas coisas pegaram. Uma, *No Meio do Caminho*. Outra, *José*. A primeira se deve ao fato de as pessoas acharem o poema muito chato, inusitado, coisa de débil mental como chegou a ser dito. A outra talvez se deva a um famoso crime que ocorreu em Belo Horizonte, há alguns anos. Um homossexual foi encontrado morto no Parque Municipal. As suspeitas recaíram sobre um poeta. Foi preso, julgado, absolvido. Na hora em que o juiz pronunciou a sentença, levantou-se e declamou todo o poema: “E agora, José?” No dia seguinte, os jornais deram destaque ao fato. Republicaram o poema, trouxeram-no à tona. Nada mais.

cia pode trazer algum resultado em benefício do país. Não que eu seja um apaixonado pela democracia. Há sempre, por trás de cada partido, por mais democrático que seja, o regime, toda sorte de interesses econômicos! A quase totalidade dos candidatos que aí estão não tem condições de financiar as campanhas que estão empreendendo.

Drummond é categórico quando fala dos partidos atuais:

— Partidos? São meros ensaios de partido. Vai demorar o dia em que se forme entre nós um partido realmente confiável. A meu ver, o ideal para a sociedade brasileira, hoje, seria a coexistência de quatro partidos: um conservador, um liberal, um socialista e um comunista. Os trabalhadores, rurais ou urbanos, poderiam fechar com um desses dois últimos. A sociedade, assim, estaria mais equilibrada. Mas eu não me filiaria a nenhum dos quatro. É o meu temperamento. A primeira coisa que eu faria era meter o pau no sujeito que se elegeisse com meu voto.

**D**RUMMOND admite que o Brasil viva, hoje, um momento difícil.

— Um dos motivos é a crise internacional. O outro, a incompetência dos homens que administram o país. Eles não foram preparados para isso. O que temos é um punhado de tecnocratas alheios a tudo aquilo que diz respeito ao povo. Reúnem-se a portas fechadas, o povo cá fora, aliado das decisões. No Brasil, os órgãos que decidem são o Estado-Maior, a Seplan, o Planalto, quando deviam ser os poderes Legislativo, Judiciário e Executivo.

Por que Sandra Cavalcanti?

— Não a conheço pessoalmente, mas sei que ela tem um passado de administradora que considero digno de todo o apreço. É inteligente. E mulher. Acho esse dado muito importante num país onde as mulheres, por preconceito, raramente têm acesso aos cargos decisórios. Como membro da equipe de Carlos Lacerda, de quem discordei inúmeras vezes, foi de grande competência.

E a oposição?

— Não me deixo levar por essas ingenuidades das esquerdas que acham deva a oposição se unir em torno de um candidato. Na verdade, não creio que exista esse candidato ideal.



Helena Ignez e Paulo José em *O Padre e a Moça*



Heitor Villa-Lobos já sentia, em 1926, a melodia dos versos de Drummond

## Drummond na música

Os poemas de Drummond e os compositores que os musicaram:

- Abril, Surpresas Mil?* — Henrique de Curitiba Morozoviz
- A Federico Garcia Lorca* — Ricardo Tacuchian
- A Federico Garcia Lorca* (sob o título de *O Canto Multiplicado*) — Marlos Nobre
- Água-Cor* — José Penalva
- Anedota Bulgara* — Ernst Widmer
- Anoitecer* — Bruno Kiefer
- O Boi* — Osvaldo de Lacerda
- Braún* — Lycia de Biase Bidart
- Cabará Mineiro* — Tavinho Moura
- Canção Amiga* — Milton Nascimento
- Canção Amiga* — Guerra Peixe
- Canção para Album de Moça* — Guerra Peixe
- Canção de Viúvo* — Martin Brauwieser
- Canção de Viúvo* — Francisco Mignone
- Canção de Viúvo* — Villa-Lobos
- Canção de Viúvo* — Osvaldo Lacerda
- Cançãozinha* — Carlos Coqueijo
- Canto Esponjoso* — Guerra Peixe
- Carmo* — Dinorah de Carvalho
- Carmo* — Henrique David Korenchender
- Caso do Vestido* — Camargo Guarnieri
- Céu Vazio* — Osvaldo Lacerda
- Cidadezinha Qualquer* — Ernst Widmer
- Cidadezinha Qualquer* — Guerra Peixe
- Declaração em Juízo* — Eugénia Falcão
- Desafio* — Edino Krieger
- Desperdiço* (sob o título de *Madrigal*) — Edino Krieger
- Drama Seco* — José Penalva
- Episódio* — Gilberto Mendes
- Esplendor e Decadência da Rapadura* — Guerra Peixe
- Estâncias* — Brasília Itiberê
- Os Fazendeiros do Ar* — Ernst Widmer
- Festa no Brejo* — Guerra Peixe
- Festa no Brejo* — Ernst Widmer
- Hotel Toffolo* — Henrique David Korenchender
- Hotel Toffolo* — José Penalva
- Insistência* — Camargo Guarnieri
- Isto é Aquilo* — Cirieli Moreira de Holanda
- José (E Agora José?)* — Ernst Mahle
- José (E Agora José?)* — Villa-Lobos
- José (E Agora José?)* — Paulo Diniz
- Lagoa* — Francisco Mignone
- Lagoa* — Gilberto Mendes
- Legado* — Dulce Nunes
- Massacre* — Ernst Widmer
- Memória* — Aleyvando Luz
- Memória* — Capiba
- Memória Prévia* — Breno Blauth
- Mercês de Cima* — Henrique David Korenchender
- Museu da Inconfidência* — Henrique David Korenchender
- No Meio do Caminho* — Ernst Widmer
- No Meio do Caminho* — Francisco Mignone
- No Meio do Caminho* — (sob o título *Uma Nota, Uma Só Mão*), Osvaldo de Lacerda.
- Nota Canção do Exílio* — Lycia de Biase Bidart
- Papel* — Eugénia Falcão
- Paredão* — Lycia de Biase Bidart
- Parêmia de Cavalão* — Lycia de Biase Bidart
- Perguntas em Forma de Cavalão Marinho* — Guerra Peixe
- Poema da Necessidade* — Osvaldo de Lacerda
- Poema da Purificação* — Carlos Alberto Pinto da Fonseca
- Quadrilha* — Francisco Mignone
- Quadrilha* — Osvaldo de Lacerda
- Qualquer* (sob o título *Qualquer Tempo*) — Guerra Peixe
- O Que Fizeram do Natal* — Francisco Mignone
- Quero me Casar* — José Penalva
- Quero me Casar* — Ricardo Tacuchian
- Quero me Casar* — Willy Correia de Oliveira
- Resíduo* — Eduardo Gudim, Paulo César Pinheiro
- Romaria* — Osvaldo de Lacerda
- São Francisco de Assis* — Dinorah de Carvalho
- São Francisco de Assis* — Henrique David Korenchender
- Toada da Musa* — Ernst Widmer
- Tristeza no Céu* — Renzo Massarani
- Viagem na Família* (sob o título de *Poema de Itabira*) — Vila-Lobos
- Viola de Bolso* — Luís Cláudio

## No cinema

- *O Padre e a Moça* — Longa-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, baseado no poema. “O padre, a moça”, com Helena Ignez, Paulo José, Fauzi Arap, Mário Lago e Rosa Sandrini. 1966.
- *O Fazendeiro do Ar* — Documentário de Fernando Sabino, David Neves e Mair Tavares. 1974.
- *O Anjo Torto* — Documentário de José Américo Ribeiro. 1968.
- *Crônica da Cidade Amada* — Filme de episódios de Carlos Hugo Christensen, incluindo o texto “Lúzia”, do livro *A Bolsa e a Vida*. 1965.
- *Enigma Para Demônios* — Longa-metragem de Carlos Hugo Christensen, inspirado no conto “Flor, telefone, moça”, do livro *Contos de Aprendiz*, com Monique Lafond, Mário Brasini e Rodolfo Arena. 1975.
- *A Bolsa e a Vida* — Curta-metragem de Bruno Barreto, inspirado em texto de CDA, com Suzana de Moraes e Paulo Neves. 1971.

## Na televisão

- *Flor, Telefone, Moça* — Adaptação do conto de igual título, do livro *Contos de Aprendiz*, por Pascoal Longo. Direção de Alfredo Souto de Almeida. Com Glauce Rocha, Napoleão Muniz Freire, Sebastião Vasconcelos, Roberto de Cleto e outros. Produção de Jason César na TV-Rio, 1956. O programa fazia parte de uma série que não prosseguiu porque a direção da empresa achou que os telespectadores ficavam apavorados com o tema de morte e mistério.

## No teatro

- *Caso do vestido* — Adaptação do poema do mesmo título, por Carlos Murthino. Espetáculo do “Studio 53”, no Teatro de Bolso de Ipanema, com Virgílio Valli, Hilda Cândida, Helena Furtado e Liliane Meneses. 1953. Também apresentado no 5º Festival de Inverno, em Ouro Preto, 1971, com direção de Amir Haddad.
- *Reencontro Drummond Todo Dia* — Peça-montagem de textos de CDA, com Maria Pompeu, Aldomar Conrado, Suzana Faini, Roberto de Cleto, Érico de Freitas e Marcos Waimberg. Música de Chico Buarque, Toquinho, Taiguara e Paulo Guimarães. Teatro Gláucio Gill. 1973.
- *Cidadezinha Qualquer* — Peça-montagem de poemas de CDA, direção de Márcio Aurélio, apresentada pelo Centro de Arte Banespa, de São Paulo, com música de Milton Nascimento, Ricardo Tacuchian e outros, 1980.
- *O Elefante* — Inspirado em poema do mesmo título. Espetáculo do Grupo Mixirico no Teatro do Sesc da Tijuca. 1980.
- Peças traduzidas por CDA e levadas a cena no Brasil:
  - *Malandrágens de Escapino* (*Les Fourberies de Scapin*), de Molière. Direção de Roberto de Cleto, no Teatro da Praça, com Carmem Sylvia Murgel, Paulo Padilha, Cláudio Correia e Castro e outros. 1962. Em São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso, direção de Maurice Vaneau. 1982.
  - *Dona Rosita, a Solteira*, de Federico Garcia Lorca. Teatro do Tablado, com Maria Clara Machado, Pássia Tomás Lopes, Isolda Cresta e outras. 1960.
  - *O Pássaro Azul* (*L'Oiseau Bleu*), de Maeterlinck, com projeto de montagem para 1983.

# Anarquismo, Estado Novo, comunismo, oposição desde 64 e agora Sandra. Como se define, politicamente, o poeta?

**P**RIMEIRO, o jovem de tendências confessionalmente anarquistas. Depois, nos primeiros anos de maturidade, o aplicado e fiel servidor de um ministro do Estado Novo. Simultaneamente, o namorado, ainda que curto, com o comunismo. Mais adiante, o ceticismo permanente que jamais o permitiu apoiar, incondicionalmente, nenhum partido ou candidato. Nos últimos dezoito anos, o opositor declarado — embora sempre sutil — do regime militar que ainda hoje se mantém no poder. E agora, o eleitor consciente de Sandra Cavalcanti, por mais que se procure identificá-la com esse mesmo regime. Como definir o pensamento político de Carlos Drummond de Andrade nesses 80 anos de vida ativa e participante?

Pode parecer, mas não há qualquer contradição nas diferentes posições que ele vem assumindo desde os tempos de rapaz em Belo Horizonte. Elas apenas refletem o seu temperamento independente, o “individualismo exacerbado” que Mário de Andrade já anotara ao falar de *Alguma Poesia*, o compromisso acima de tudo com si mesmo.

— Outro dia estiveram aqui o Plínio Doyle e umas moças colhendo material, fotos,

desenhos, partituras, para as exposições que pretendem realizar na Biblioteca Nacional e na Casa de Rui Barbosa. Duas exposições. Não bastaria uma? Acho que está havendo um generoso exagero em tudo isso. Depois, fico pensando: não sou, nunca fui a favor do Governo, o que tenho deixado claro no que escrevo. Agora, me prestam não uma, mas duas homenagens. Fico comovido, mas estou inclinado a concluir que meus escritos de oposição não tiveram a menor importância.

**M**AS como se define, politicamente, o poeta?

— Sou absolutamente apartidário. Fiz uma tentativa de experiência política engajada, mas logo me desencantei. Fui um dos cinco diretores de um jornal comunista, *Tribuna Popular* (os outros eram Álvaro Moreira, Pedro Mota Lima, Aydamo do Couto Ferraz e Dalcídio Jurandir). Nenhum de nós dirigia coisa alguma, o que escrevia não era publicado, minhas idéias eram violentadas. Demiti-me. Hoje, voto no candidato que me parece melhor, independente de partido. Na minha opinião, só a educação para a democra-

# Conselhos literários de Carlos, meu pai

Rogério Reis



Maria Julieta, filha única, amiga, discípula, fala de um Drummond cujas lições jamais são esquecidas

**D**rummond: se você estivesse começando hoje e quisesse publicar alguma poesia, o Programa Cultural Integrado do Credireal lhe daria todo o apoio.



**Credireal**  
BANCO DE CREDITO REAL DE MINAS GERAIS  
o banco de hoje

Maria Julieta  
Drummond de Andrade

**P**ELA vida afora, meu pai, que nunca teve intenção de ser professor de nada, me tem dado, quase sem querer, alguns conselhos, que me são de utilidade cada vez que improviso alguns passos na literatura. O primeiro e antigo, de quando eu tinha quatro ou cinco anos e, um dia, sentada no chão, comecei a cantar:

"Dei rosa, dei rosa,  
Dei cravo, dei cravo,  
Pra que que eu fui dar  
A rosa mais linda  
Do meu coração?"

Meu pai gostou da brincadeira e, quando soube que eu mesma a inventara, anotou minhas palavras e explicou-me, de maneira singela, que eu acabara de compor um poema. Fiquei surpreendida, porque, até então, nessa matéria, só conhecia os versinhos que decorava no jardim da infância.

— Então poesia era isso, essa repetição cadenciada, essa ida e volta rítmica. Esses nomes de flor que diziam muito mais do que significavam?

Naturalmente não formulei, na época, nenhuma dessas perguntas. Mas acho que aprendi difusamente, e para sempre, a identificar o fenômeno poético onde quer que ele se esconda. A prova é que até hoje me lembro com nitidez do episódio.

Mais tarde, já no colégio, quando tinha que fazer as primeiras redações e colava um cromo cheio de purpura no caderno, ele me aconselhou a descrever primeiro a cena ilustrada (uma galinha rodeada de pintinhos, uma casa de campo) e só depois construir a história que quisesse. Fiquei sabendo, assim, que o primordial numa página escrita é a objetividade.

Estando no curso de admissão, escrevi, certa vez, que, assustada, eu me deitara "enroladilha como uma bola". A severa professora modificou a frase para "enrijecida como um feixe", e, como essas palavras não faziam parte do meu vocabulário de 10 anos, tive a sensação de que escrever direito era sinônimo de escrever difícil. Meu pai, a quem mostrei a correção, desfez-me a ilusão, indicando-me que é exatamente o contrário: no caso, minha comparação, simples e natural, era bem mais expressiva do que a de dona Mirtes. A lição foi dupla, pois descobri também que os professores não são infalíveis.

Já moça, tentando burlar um conto, embatuei de repente num qualificativo para Lua. Meu pai veio em meu auxílio e me fez ver como era inútil pretender acrescentar mais atributos a todos os que se acham implícitos nessa palavra, tão cheia de poder evocativo: Ela já é em si branca, de prata,

misteriosa, leitosa, bela, comovedora, tudo — e qualquer adjetivo só pode empobrecê-la. As coisas têm um nome pelo qual devem ser chamadas: é o substantivo que importa e que necessita ser preservado em todo o seu valor. Mas, se eu insistisse em mostrar minha Lua sob um ângulo diferente, então teria que lançar mão de outras formas inesperadas, capazes de produzir um impacto no leitor. Sugeriu-me "Lua de abril", que aceitei imediatamente.

Por outro lado, e sem entrar em contradição, mostrou-me que é pela escolha dos adjetivos que se reconhece um escritor. Comentando certa frase, em que eu mencionava um "fino agradecimento", elogiou a combinação: esse fino modificava sutilmente a qualidade do agradecimento, indicando que quem o escrevera gostava de cultivar os bons autores.

Nesse ponto meu pai orientou-me de forma eclética, mas no fundo sempre tive a impressão de que, segundo ele, se eu me limitasse a ler Machado de Assis, não necessitaria de outra aprendizagem. Acostumei-me, assim, a contos que têm começo, meio e fim; a romances em que a linha argumental é secundária e nos quais interessa, sobretudo, a inquietante análise psicológica dos personagens; a crônicas em que o tema supostamente fundamental serve apenas de ponto de partida para as divagações, pois é no mínimo que se encontra a essência do acontecimento.

Também a seu conselho, li e reli o *Journal*, de Jules Renard, e os *Carnets*, de Joubert, dois catedráticos do pensamento cético e condensado. Em Flaubert meu pai chamou-me a atenção para a frequência do emprego da terceira pessoa do singular, em vez do eu revelador. Fez-me meditar sobre o início da parte VI de *L'Education Sentimentale*, quando, falando de Frederic Moreau, desiludido, Flaubert se limita a anotar: *Il voyage. Il connut la melancholie des paquebois...*. E dessa maneira isenta, discretíssima, transmite o sofrimento e a solidão do homem, durante os anos em que esteve longe de Mme. Arnoux, aprendi que economia de palavras e de emoção são indispensáveis para quem tenciona escrever.

Ensinou-me também a usar o dicionário sem preguiça e com prazer, a não dispensar um dicionário de verbos e regimes, a colecionar todos os dicionários, a fugir da tentação de fazer literatura epistolar e a só escrever cartas para dar e pedir notícias, a não ser exigente demais consigo mesma e admitir humildemente certas repetições de palavras e de sons, das quais os escritores franceses abusam, sem preocupação. E sobretudo a evitar a prolixidade:

— Escrever é cortar palavras — ele me vem repetindo sem cessar e com razão.

É por isso que, na esperança de ser capaz, pelo menos hoje, de seguir este conselho difícil, vou ficando por aqui.

**D**RUMMOND fala de todos os amigos, presentes e ausentes, com grande ternura. Vinicius de Moraes, por exemplo. O poeta e homem apaixonado que ele era, acima das convenções, livre como um pássaro e de trato muito carinhoso, é lembrado sempre com emoção. O mesmo em relação a Manuel Bandeira, a quem Drum-

mond homenageou em versos: "Manuel, a estrela matutina e a da tarde brilham igual? Viver em luz é tua sina."

Há exatamente 20 anos, quando Drummond comemorava seus 60, foi a vez de Bandeira homenageá-lo. O poema — de um grande poeta para outro — caberia perfeitamente hoje, nesta festa em que seu autor, morto em 1968, é um dos muitos e mais sentidos ausentes.

## BALADA LIVRE EM LOUVOR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Louvo o Padre, louvo o Filho,  
O Espírito Santo louvo.  
Isto feito, louvo aquele  
Que ora chega aos sessent'anos  
É no mais de seus pares  
Prima pela qualidade:  
O poeta lúcido e límpido  
Que é Carlos Drummond de Andrade.*

*Prima em Alguma Poesia,  
Prima no Brejo das Almas,  
Prima na Rosa do Povo,  
No Sentimento do Mundo,  
Lírico ou participante,  
Sempre é poeta de verdade  
Esse homem lépido e limpo  
Que é Carlos Drummond de Andrade.*

*Como é fazendeiro do ar,  
O obscuro enigma dos astros  
Intui, capta em claro enigma.  
Claro, alto e raro. De resto  
Ponteia em viola de bolso  
Inteiramente à vontade  
O poeta diverso e múltiplo  
Que é Carlos Drummond de Andrade.*

*Louvo o Padre, o Filho, o Espírito  
Santo, e após outra Trindade  
Louvo: o homem, o poeta, o amigo  
Que é Carlos Drummond de Andrade.*

Manuel Bandeira

## DRUMMOND:

NO MUDO ENTENDIMENTO DOS QUE SE AMAM SEM ESTARDALHAÇO, FESTEJAMOS SEU ANIVERSARIO DESEJANDO CONTINUE SEMPRE SENDO O QUE É: UMA ILHAITABIRA EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO. ABRAÇOS PELOS 80 ANOS!

A COMUNIDADE ITABIRANA  
ADMINISTRAÇÃO MILTON DIAS DOS SANTOS

ITABIRA-OUTUBRO/82

# Quatro gerações beijam Drummond aos seus 80 anos

Fotos de Rogério Reis

Regis Farr

## Trânsito na estrada nova é perigoso

Cinco minutos junto do pequeno largo no início da Estrada Grajaú—Jacarepaguá são suficientes para pressentir o perigo vivido pelos moradores das redondezas. Os carros vêm de Jacarepaguá acelerados pelo declive da pista e entram a toda velocidade — muitas vezes cantando os pneus — na Rua José do Patrocínio, fazendo pequena curva. Não há sinal no local e os pedestres, correndo, atravessam as duas pistas da estrada por cima do canteiro divisorio.

— Ta horrível isso aqui. O que vai morrer de gente não vai ser mole. Tem criança de colégio aqui e você fica horrorizada com eles atravessando — diz Maria Idalina da Silva. Como ela, outros moradores se queixam também de que, com a duplicação da estrada, acabaram com a calçada da esquina da José do Patrocínio com Visconde de Santa Isabel, justamente onde os carros que descem de Jacarepaguá fazem a tomada de curva.

### TENSAO

O pequeno largo, no Grajaú, é o ponto de encontro das ruas José do Patrocínio e Visconde de Santa Isabel com a Avenida Menezes Cortes — a conhecida Grajaú—Jacarepaguá, que foi entregue duplicada no sábado. Com curvas perigosas, a estrada, no entanto, está bem sinalizada, oferecendo uma viagem tranqüila de 15 minutos — média de 70 km/h — de um bairro a outro, sem os antigos congestionamentos.

Mas se, por um lado, as curvas mais perigosas estão bem sinalizadas, o mesmo não ocorre junto do pequeno largo. Quando acaba a pista de descida da estrada, os motoristas têm que fazer uma pequena curva, para seguir pela Rua José do Patrocínio. Não há sinalização para se diminuir a velocidade ou estar atento ao fluxo de tráfego que vem pela própria José do Patrocínio ou Visconde de Santa Isabel.

— Desde sábado estou com uma tensão nervosa terrível — queixa-se Dalva Aguiar que, morando na José do Patrocínio, anda bastante aflita com seus quatro filhos, que a toda hora têm que atravessar as pistas da Grajaú—Jacarepaguá. No próprio sábado de inauguração, lembra ela, um freio entrou a toda velocidade na curva — esquina de José do Patrocínio com Visconde de Santa Isabel — e bateu com a roda no meio-fio, onde não há mais calçada (o meio-fio fica colado ao muro da casa nº 132). "Imagina se tivesse alguém passando por ali", adverte.

### TRÁFEGO MOROSO

— A estrada só resolveu a subida para Jacarepaguá, mas aqui estragou tudo, reclama Mariana Souza de Mesquita. Ela quer a calçada de volta e um sinal para o local. Além disso, lembra que por volta das 7h da manhã continuam os engarrafamentos, quando os carros que vêm de Jacarepaguá enfrentam um fluxo lento de tráfego, na Rua José do Patrocínio.

Dalva Aguiar adverte para o perigo enfrentado pelos sócios da Associação Atlética Light, que tem um portão para a Rua José do Patrocínio. No sábado à noite, na saída da discoteca do clube, lembra que foram vários os frequentadores quase atingidos pelos carros que desciam velozmente.

Diz ela que, no sábado, durante a inauguração da duplicação da Grajaú—Jacarepaguá, duas promessas foram feitas pelos políticos presentes, candidatos às eleições: seria em breve construída uma passarela no local; e os moradores voltariam a ter a calçada perdida. A proprietária da casa 132 teve parte de seu terreno desapropriado na justiça para o futuro alargamento. A casa está alugada, não havia ninguém para confirmar a notícia.



A inibição do poeta desapareceu no fim da homenagem, entre muitos beijos e abraços



Drummond, de cabeça baixa, ouviu os elogios de Merquior (C) e de Marcos Villaça

— Não sou tão conhecido assim. Estou muito longe de ter a popularidade de um jogador de futebol ou de um cantor.

Os pequenos e cristalinos olhos azuis fixavam o chão e não o interlocutor; a voz era baixa, interiorizada; o comentário, se revelou mais uma vez a timidez e humildade do poeta mineiro, não correspondia à realidade da homenagem de ontem aos seus 80 anos: um público formado por quatro gerações aplaudiu e beijou Carlos Drummond de Andrade; seguiu-o pelos corredores da Biblioteca Nacional, tocou-o e estendeu-lhe dezenas e dezenas de pedaços de papel para autógrafos, dados com canetas emprestadas.

Comparado a Fernando Pessoa, Garcia Lorca, T. S. Elliot e Machado de Assis, Drummond reagiu à idéia de um Prêmio Nobel como uma criança à possibilidade de se deparar com fantasmas e bichos de sete cabeças: "com horror". Para a homenagem, tinha uma hipótese: "Certamente", afirmou, "é mais uma forma simpática de assinalar o ano internacional do idoso."

### Com carinho, sem medo

A presença do arredo poeta era a grande dúvida até momentos antes da inauguração da exposição em homenagem aos seus 80 anos. Mas Carlos Drummond de Andrade quebrou seu inveterado hábito de fugir de festas em sua homenagem. "De início", revelou, "eu fiquei meio assustado, mas agora estou achando bom. Afinal, quem não gosta de receber carinho?"

Calça marinho e paletó impecavelmente branco, tendo sempre a seu lado a filha Maria Julieta, o poeta disse que não faria um balanço de sua obra, por ser um processo contínuo, e que seu 80º aniversário não será comemorado em família: "Afinal, fazer 80 anos não é nenhum ato de bravura, nenhum gesto heróico. É apenas uma contingência."

Mas emocionou o poeta a descida das escadas da Biblioteca: no hall e nas escadarias, crianças, adolescentes, adultos e senhores, comprimidos, levantavam suas mãos para o aplauso a Drummond. "Oh! que maravilha!", suspirava, entre eles, o escritor Antônio Carlos Villaça. Endossavam os vinhos da homenagem Aurélio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Mello Franco, Tristão de Athayde, Paulo Mendes Campos, Marcos Vinícius Villaça, Josué Montello, entre outros.

### "O maior poeta"

Mãos nos ombros de Maria Julieta ou cruzadas, Drummond esboçou um sorriso amarelo e o gesto de reprovação de um avô à arte do neto a José Guilherme Merquior, que o chamou de "o maior poeta brasileiro".

Falando de improviso, o escritor José Guilherme Merquior fez uma rápida apreciação da obra de Drummond, que ouvia de cabeça baixa.

Confessou-se inibido ao fazer a apresentação de alguém que ele considerou "um exemplo mais acabado de um clássico moderno". — É o nosso Baudelaire, um grande poeta e com fluência romântica. Grande poeta social que soube acrescentar à poesia brasileira um grau de consciência social e dentro dele um grau de consciência ética inigualado. Drummond é a consciência brasileira no seu sentido mais fecundo e mais ético. É também um poeta cívico que soube celebrar os valores da nacionalidade.

— Encontramos em seu trabalho — continuou Merquior — o trato da linguagem e poucos poetas souberam como ele juntar o coloquial ao nobre, e popular ao culto. Essa capacidade de síntese juntando o humor de sua poe-

ta faz com que sua obra nos lembre a de Machado de Assis.

### O agradecimento

Com todo o cuidado possível, Drummond retirou do bolso de seu paletó uma folha de papel, dobrada em quatro: era seu discurso de agradecimento, lido com uma voz tomada pela emoção:

"Sr. Secretário de Cultura, Marcos Vinícius Villaça, Sr. Subsecretário do Patrimônio Histórico e Artístico, Irapuan Cavalcanti de Lyra, Sr. Diretora da Biblioteca Nacional, Célia Ribeiro Zaher. Meu caro Merquior. Minhas amigas e meus amigos, ao ter notícia de que se preparava esta exposição, depois da surpresa natural, ocorreu-me uma explicação que até agora não acho de todo fora de propósito:

— Certamente é mais uma forma simpática de assinalar o Ano Internacional do Idoso. Sim, porque sou um dos brasileiros que, pelo simples fato de existir, atesta que em nosso país a vida humana vai alcançando maior duração.

Depois, encontrei outro motivo para este ato de requintada cordialidade: a administração cultural do país distingue, através da minha pessoa, os inúmeros usuários da Biblioteca Nacional, que incessantemente se alimentam de seus serviços para a criação intelectual, e dos quais é símbolo inesquecível Raimundo Magalhães Júnior. Ao longo da vida, tenho freqüentado esta casa, senão com a assiduidade que desejaria, pelo menos com um amor que vem desde o dia remoto em que subi os seus degraus e pude reverenciar o seu então diretor, mestre Rodolfo Garcia. Aqui reuni material para alguns trabalhos, e no silêncio destas salas passei horas saborosas, dessas que a gente não sente que estão passando e que, paradoxalmente, nunca se esquecem.

Resta, aí de mim, o último e discutível fundamento desta exposição: lembrar o meu serviço literário. Obviamente, não estou habilitado a julgá-lo, mas tenho fortes razões para afirmar que não sou o escritor que vêem em mim, e sim alguém que, com razoável gosto pela literatura, procurou dar o seu recado sem maiores lampejos, e com evidentes limitações de formação cultural, buscando apenas não faltar ao sentimento de liberdade e justiça — o que, de resto, deve ser peculiar aos que escrevem para o público, mesmo que, como é o caso, não tenham pretensão de doutriná-lo. Ainda aqui, preffiro acreditar que a Secretaria de Cultura e a Biblioteca Nacional, como o meu caro Merquior, pretendem consagrar, mais que um determinado escritor, a figura do trabalhador de letras, representado acidentalmente num deles que conseguiu chegar aos 80 anos acreditando na literatura como fator de entendimento entre os homens.

Aos que promoveram este ato, e aos que a ele assistem, o meu coração profundamente agradece.

Tão logo terminou seu agradecimento, Drummond viu-se cercado por amigos, admiradores, abraços, cumprimentos e pedidos de autógrafos. O cerco ao poeta era tanto que ele teve que ser "sequestrado" de seus admiradores, indo para o gabinete da diretora. Lá, na porta, formou-se imensa fila. Por longo tempo, com uma caneta emprestada dali, outra dali, não fez outra coisa senão dar autógrafos. Cansado, preocupado, Drummond pediu, por fim:

— Deixem-me ir para casa. Minha mulher está doente e eu não gosto de deixá-la só.

## Mais Drummond no caderno comemorativo de seus 80 anos e no B



## EXISTEM DUAS BAHIAS: A QUE VOCÊ CONHECE E A QUE VOCÊ VAI CONHECER NO DIA 7 DE NOVEMBRO.

Dia 7 de novembro, a Revista do Domingo vai estar nas bancas com uma edição muito especial. Cheia de cores, tempero e poesia. A edição especial dedicada à Bahia. Não a velha Bahia que você conhece. Mas uma nova Bahia, com seus novos pontos turísticos. Com os roteiros dos bares e restaurantes que estão na moda. E das lojas que vendem as roupas que vestem os novos baianos. É esta a nova Bahia que você vai saborear no Domingo, o lugar ideal para suas férias de verão. A edição especial do dia 7 de novembro vai circular por todo o Brasil. E vai mostrar todas as novidades que a velha Bahia tem. Aproveite e mostre as suas também. Anuncie na Revista do Domingo.

**REVISTA DO DOMINGO**  
EDIÇÃO DEDICADA À BAHIA  
**DOMINGO**

Fechamento:  
Reservas: 27.10.82  
Materiais: 29.10.82

## Construtora Mendes Júnior S.A.

COMPANHIA ABERTA  
C.G.C. 17.162.082/0001-73

### AVISO AOS DEBENTURISTAS

Comunicamos aos Senhores Debenturistas que, em 01.11.82, iniciaremos o pagamento dos juros referentes ao cupom nº 01 dos certificados das debêntures emitidas em 01.05.82, 2ª emissão, mediante a apresentação dos respectivos cupons, observando o seguinte:

- 1 — JUROS  
4.4030651% sobre o valor nominal corrigido monetariamente, para um período de 06 meses.
- 1.1 — IMPOSTO DE RENDA NA FONTE  
Conforme as disposições legais vigentes.
- 2 — DISPOSIÇÕES GERAIS  
2.1 — Apresentar documento de identidade e CPF (PESSOA FÍSICA) ou cartão de C.G.C. (PESSOA JURÍDICA).  
2.2 — Preencher formulário próprio e, se for o caso, procuração padronizada fornecidas nos locais de atendimento.
- 3 — LOCAIS DE ATENDIMENTO  
Os debenturistas, serão atendidos de 2ª a 6ª feira, no horário de 10:00 às 16:30 horas, nas agências do Banco Itaú S.A., divisão de Serviços a Acionistas — em todo o país.  
Belo Horizonte, 20 de outubro de 1982.  
ALBERTO LABORNE VALLE MENDES  
DIRETOR SUPERINTENDENTE

## FEDERAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE SEGUROS PRIVADOS E DE CAPITALIZAÇÃO

Sede: R. Senador Dantas, 74 — 139º and.  
R. Janeiro — RJ

### ELEIÇÕES SINDICAIS AVISO

Será realizada eleição no dia 01 de fevereiro de 1983 na sede desta entidade, para composição da Diretoria e do Conselho Fiscal, devendo o registro de chapas ser apresentado à Secretaria, no horário de 9:00 às 17:00 horas, no período de 20 (vinte) dias a contar da publicação deste Aviso. Edital de convocação da eleição encontra-se afixado na sede desta entidade.

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1982.

Walmiro Ney Coya Martins  
Presidente em Exercício

(Cópia do Aviso publicado no Diário Oficial da União, Seção 1, página nº 20031, de 25 de outubro de 1982.)



**SERVIÇO**

SEXTA-FEIRA CADERNO B  
JORNAL DO BRASIL